

ALMANAQUE HISTÓRICO

Personalidades Negras da Primeira República (1889-1930)

Por outras histórias da gente brasileira: uma proposta de ensino de
História para o Ensino Médio

Edival Magalhães dos Santos

2024

ALMANAQUE HISTÓRICO

Personalidades Negras da Primeira República (1889-1930)

**Por outras histórias da gente brasileira: uma proposta de ensino de
História para o Ensino Médio**

Edival Magalhães dos Santos

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Biblioteca Setorial Campus de Xinguara

S237a Santos, Edival Magalhães dos
Almanaque histórico [recurso eletrônico]: personalidades
negras da primeira república (1889-1930): por outras histórias
da gente brasileira: uma proposta de ensino de história para o
ensino médio / Edival Magalhães dos Santos. — Marabá:
UNIFESSPA; Profhistória, 2024.
69 p. il:

1. História - Estudo e ensino. 2. Escravidão - Brasil. 3.
Personalidades Negras. 4. Brasil - História - Abolição da
escravidão, 1888. 5. Almanques brasileiros. I. Santos, Edival
Magalhães dos. II. Título.

CDD: 22. ed.: 050.9

Elaborado por Maria José Pereira da Silva - CRB-2/1707

AGRADECIMENTOS

Este *Almanaque Histórico de personalidades negras da Primeira República (1889-1930)* é fruto de algumas atividades desenvolvidas em sala de aula na disciplina de História com os alunos dos terceiros anos da Escola Estadual de Ensino Médio Professora Oneide de Souza Tavares, em Marabá, no estado do Pará.

Aqui deixo registrado meu agradecimento infinito aos meus alunos que se empenharam com muita dedicação nestas atividades das quais resultou este produto didático. Portanto, este almanaque é uma produção de alunos para outros alunos da etapa final da educação básica.

Também gostaria de agradecer imensamente à minha orientadora Dra. Karla Leandro Rascke, pela paciência e dedicação com suas observações certeiras, as quais foram fundamentais para a escrita da minha dissertação e elaboração deste produto didático.

E por fim, gostaria de registrar meus agradecimentos à Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), onde cursei o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (Profhistoria) e à direção da E. E. E. M. Professora Oneide de Souza Tavares, na figura das diretoras Maria de Nasaré e Edinalva Andrade e, também, dos coordenadores pedagógicos que auxiliaram com muito cuidado e atenção na realização destas atividades.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
1 A Primeira República e as Histórias que os livros didáticos nos contaram	5
2 PERSONALIDADES NEGRAS DA PRIMEIRA REPÚBLICA (1889-1930)	8
2.1 Abdias Nascimento	9
2.2 Antonieta de Barros	12
2.3 Carolina Maria de Jesus	14
2.4 Grande Otelo	18
2.5 João Cândido	20
2.6 João da Cruz e Sousa	24
2.7 José Agostinho dos Reis	26
2.8 Juliano Moreira	29
2.9 Lima Barreto	31
2.10 Machado de Assis	36
2.11 Madame Satã	40
2.12 Maria Firmina dos Reis	44
2.13 Mestre Bimba	48
2.14 Mestre Verequete	50
2.15 Nilo Peçanha	52
2.16 Pixinguinha	54
2.17 Tia Ciata	56
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	58
REFERÊNCIAS	63

APRESENTAÇÃO

Este *Almanaque Histórico de Personalidades Negras da Primeira República (1889-1930)* é fruto de um trabalho coletivo e resultado de algumas atividades pedagógicas desenvolvidas nas aulas de História com alunos dos terceiros anos da Escola Estadual de Ensino Médio Prof.^a Oneide de Souza Tavares em Marabá, no Sudeste paraense. O objetivo dessas aulas era conhecer e refletir sobre vivências, experiências e lutas diárias das classes populares, em especial de mulheres e homens pretos, que viveram no final do século XIX e início do XX num Brasil racista e excludente.

Apesar das grandes contribuições para a História republicana do Brasil, essas mulheres e homens tiveram suas vidas silenciadas, apagadas, esquecidas ou não reconhecidas pela historiografia tradicional. Foram homens e mulheres marcados pela condição racial e de gênero que levantaram bandeiras antirracistas e atuaram na transformação das possibilidades de exercício da cidadania da população negra no Brasil, no entanto, não inseridos nos livros didáticos utilizados nas escolas públicas.

Essas pesquisas biográficas que compõem o *Almanaque Histórico de Personalidades Negras da Primeira República (1889-1930)*, apesar de resumidas, trazem uma pequena contribuição para a implementação de uma educação para as relações étnico-raciais, contribuindo também para uma educação antirracista, além de possibilitar que professores e alunos da Educação Básica (e outros também) possam conhecer um pouco mais a História do Pós-abolição e da estruturação do racismo no Brasil.

Não é objetivo deste *Almanaque Histórico de Personalidades Negras da Primeira República (1889-1930)* criar mitos ou heroizar líderes negros, reproduzindo o que fez por muito tempo a elitista historiografia brasileira (eurocêntrica, racista, patriarcal e machista). A ideia é que o leitor conheça a História de inúmeros brasileiros silenciados, mas que tiveram sua parcela de contribuição na construção histórica do nosso país e, a partir daí, pensar o passado e o presente em suas complexidades históricas.

Por mais Maria Lúcia, Maria Firmina, Antonieta, Carolinas, Tia Ciata e também por mais João Cândido, João da Cruz, José Agostinho, Julianos, Lima Barreto, Abdias e Franciscos nos livros didáticos de História. Defendemos mais Histórias pretas nos livros didáticos por que acreditamos que as Histórias negras também importam e devem ser contadas. Vamos enegrecer os livros didáticos.

Boas Reflexões!

Edival Magalhães dos Santos

1 A Primeira República (1889-1930) e as Histórias que os livros didáticos nos contaram¹

Os conteúdos escolares referentes à Primeira República (1889-1930), compreendendo o período da Proclamação da República (15 de novembro de 1889) até o início do Governo de Getúlio Vargas (3 de outubro de 1930), são estudados pelos alunos da educação básica nos anos finais do Ensino Fundamental (9º Ano) e nos terceiros anos do Ensino Médio. Geralmente são temáticas desenvolvidas nos primeiros bimestres do ano letivo.

Comumente, esse recorte temporal da Primeira República ainda é explicado por uma lógica majoritariamente política e econômica, considerando, por exemplo, o poder das oligarquias e seus acordos no âmbito regional e nacional; o poder dos coronéis, com ênfase no processo imigratório, destacando a importância da produção econômica do café; ou ainda, a modernização dos espaços urbanos, considerando com maior destaque a região Sudeste do Brasil. Assim, a “História do Brasil Republicano”, acaba se tornando uma história do Sudeste.

Uma história que considera os aspectos sociais e culturais é abordada em menor proporção pelos livros de História. É comum nas páginas desses manuais a população ser apresentada como mão de obra no seu cotidiano no trabalho nas lavouras de São Paulo e Minas Gerais, ou, nas poucas fábricas dessa época. Há ainda um considerável destaque para os trabalhadores imigrantes em contraposição aos trabalhadores nacionais. Em outro momento que a questão social aparece diz respeito aos movimentos contestatórios da época, como a *Guerra de Canudos* (1896-1897), a *Revolta da Vacina* (10 a 16 de novembro de 1904) ou a *Revolta contra a Chibata* (22 a 27 de novembro de 1910), em que a narrativa histórica focaliza na repressão e na violência a esses grupos e não na sua atuação ativa como sujeitos históricos em luta por direitos e cidadania.

Faltam nos livros didáticos mais histórias da população negra que habitou o Brasil desse período, onde ela apareça como agente histórico e não como sujeitos passivos e submetidos aos desejos e às vontades das elites. São poucos os livros que dedicam alguns parágrafos para analisar com mais detalhe o cotidiano dos afro-brasileiros na Primeira República, suas redes de solidariedade e/ou suas formas de resistência.² Ao estudar apenas as revoltas mencionadas, nossos alunos podem ser induzidos a concluir que a população dessa

¹ Para a elaboração deste texto foram consultados os seguintes livros didáticos, com os quais tive a oportunidade de, em algum momento, utilizá-los para planejar aulas de História: BOULOS, Alfredo Junior. **História: Sociedade e Cidadania**, 9º ano. 2. ed. São Paulo: FTD, 2012. (Capítulo 5: Primeira República: Resistência, pp. 77-95); BOULOS, Alfredo Junior. **História: Sociedade e Cidadania**, 3º ano. 2. ed. São Paulo: FTD, 2016. (Capítulo 3: Primeira República: dominação e resistência, pp. 51-75); GRANGEIRO, Cândido. **Cenas da História**. 3º Ano. São Paulo: Palavras Projetos Editoriais, 2016. (Capítulo 7: Brasil: ordem republicana, pp. 118-131);

² PELLEGRINI, Marco César; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila. **História: vontade de Saber**. 9º Ano. São Paulo: FTD, 2015, p. 76-77.

época era selvagem e violenta e que pouca organização tinha para se posicionar contra as pressões e cobranças impostas pela jovem República instalada no Brasil.

Em alguns livros é possível concluir, mediante a narrativa histórica, que essa população marginalizada aparece como empecilho à modernização que a elite desejava no



Figura 1: Igreja de Santo Antônio
Fonte: Reprodução. FTD, 2016, p. 62

início da República. Como exemplo, a Guerra de Canudos, geralmente é narrada pela ótica da repressão e a população descrita como um grupo de fanáticos religiosos, travando o progresso civilizatório com seu fanatismo religioso e não como uma população de camponeses que desejavam viver em seus modos de ser e estar o mundo, e que sua luta pautava a terra e a vida³, sendo, portanto, legítima.

As fotografias que aparecem nesta narrativa geralmente visam confirmar esse viés e aparecem como prova do acontecimento e quase sempre não são exploradas e analisadas no seu contexto. As pessoas registradas nas fotografias, charges e pinturas, não sabemos quem são. Isso pode ser um problema para os estudantes, pois a forma como a população negra é representada (ou

não) nos livros didáticos de História pode impactar profundamente na construção identitária que a criança e o jovem negro vão elaborando sobre si mesmo e sobre os outros.

Nessa História contada pelos livros didáticos, a Amazônia e a população que a habitou nas primeiras décadas do século XX também não aparecem, ou quando são mencionadas, estão ligadas apenas às atividades econômicas como no trabalho dos seringais, por exemplo. As histórias que estudamos, tomando como referência os manuais escolares distribuídos pelo Ministério da Educação (MEC) para as escolas da nossa região, não abordam as vivências e existências da população afro-amazônica brasileira, sendo invisibilizadas.

Em vários momentos, a região amazônica é mencionada como um lugar inóspito, afastado da civilização e longe do progresso que a Capital Federal almejava. Aparece, portanto, como um lugar de incivilizados e selvagens para onde os insurgentes e perigosos que

³ MOCELLIN, Renato. **Canudos: fanatismo ou luta pela terra?** São Paulo: Editora do Brasil S/A, 1989.

ameaçavam o progresso da República eram enviados. Os revoltosos da Vacina, e aqueles que ousaram questionar o autoritarismo da Marinha, além dos que eram perseguidos pela “*Lei da vadiagem*”, como punição, foram trancafiados em navios e enviados, tomando como referência a Capital Federal, para o longínquo Acre. Essas foram as histórias que os manuais didáticos narraram por décadas.

Os livros didáticos estão mudando e já apresentam novas abordagens e trazem muitos sujeitos históricos que até poucas décadas não estavam nas páginas dos livros de História. O papel do negro nas páginas de história está sendo reavaliados e isso se deve em grande parte aos movimentos sociais negros e também indígenas que cobraram e seguem cobrando sua atuação histórica no processo de formação do Brasil.

As pesquisas realizadas pelas universidades e seus núcleos de estudos afro-brasileiro e indígenas estão possibilitando a reescrita da história das chamadas minorias. Esses conhecimentos ainda estão chegando nas salas de aula, o que certamente promoverá uma reorganização da História ensinada e uma revisão no papel que as classes populares desempenharam ao longo da nossa história.

O conhecimento e as reflexões sobre esses agentes históricos, antes apagados e silenciados por uma história eurocêntrica e colonialista, está contribuindo para uma prática docente que questiona preconceitos e que seja pautada pelos princípios da pluralidade e do respeito às diferenças. Estes são alguns dos objetivos deste almanaque histórico.

A historiadora Ynaê Lopes dos Santos, ao refletir sobre a importância de se conhecer as personalidades negras na história do Brasil República, observou que:

Embora a população negra brasileira ainda tenha de enfrentar situações de preconceito que têm impacto imediato e muitas vezes definem suas vidas, é fundamental lembrar a trajetória de alguns homens e mulheres negros que, mesmo sofrendo diversos tipos de discriminação, conseguiram se tornar importantes profissionais da história brasileira (Santos, 2020, 271).

Ao conhecer essas personalidades, os estudantes podem ver-se representados e se entender como sujeitos históricos, sentir-se empoderados e elaborar uma identidade negra positiva, além de perceber que a nossa história é plural e diversa. Conhecer essas diversas histórias e os múltiplos sujeitos históricos do Brasil, portanto, pode ser uma eficaz ferramenta no combate ao racismo e às demais formas de preconceito e exclusão.

2 PERSONALIDADES NEGRAS DA PRIMEIRA REPÚBLICA (1889 -1930)

As personalidades negras apresentadas a seguir foram importantes mulheres e homens, que em diferentes áreas, tiveram destacada participação no Brasil de suas épocas. Suas forças, lutas e determinações possibilitaram que chegássemos aonde estamos. Acreditamos que estas trajetórias de vidas devam ser conhecidas por todos e tomadas como exemplos e estímulos para a luta diária contra o racismo e todas as outras formas de discriminações que ainda atingem o povo negros.

Aqui, foram apresentados apenas dezessete dessas personalidades, mas muitas outras foram responsáveis pela construção e elaboração do que é ser negro no Brasil hoje. Seja por lutarem por cidadania, direitos humanos fundamentais, contra o racismo, ou denunciar discriminações e manter viva culturas, valores e formas de viver e estar no mundo, eles ao seu modo, mudaram realidades. Acreditamos que as personalidades apresentadas aqui e suas trajetórias de vidas nos permitam conhecer e refletir um pouco mais sobre o Brasil que fomos, estamos sendo e seremos.

Das dezessete personalidades apresentadas, seis não tiveram exatamente seus papéis como agentes ativos de luta e de transformação no período estudado, mas posteriormente. No entanto, optamos por manter essas personalidades na relação de protagonistas do Almanaque por acreditar que, mesmo sendo crianças ou jovens no período da Primeira República (1889-1930), elas e eles experienciaram aquele mundo e certamente isso foi fundamental para que construíssem seus campos de lutas e atuação em período subsequente.

Os agentes históricos que se tornaram certamente foram influenciados pelo contexto da Primeira República, por mais que suas atuações e ações na luta por justiça e/ou direitos sociais tenham acontecido em períodos posteriores. São eles: Madame Satã (1900-1976), Antonieta de Barros (1901-1952), Carolina Maria de Jesus (1914-1977), Abdias Nascimento (1914-2011), Grande Otelo (1915-1993) e Mestre Verequete (1916-2009).

Não foi objetivo deste almanaque histórico construir biografias com a intenção de exaltar essas personalidades para criar mitos, mas possibilitar, a partir das suas trajetórias de vidas, o conhecimento e reflexões do contexto histórico em que viveram. Uma biografia, ou uma trajetória de vida, pode ser uma forma eficaz de introduzir um período histórico ou ilustrar um contexto histórico por meio desse sujeito histórico.

2.1 Abdias Nascimento (1914 – 2011)⁴

Abdias do Nascimento nasceu em Franca, no interior do Estado de São Paulo, em 14 de março de 1914. Era neto de africanos escravizados e filho de pai sapateiro e mãe doceira. Desde cedo aprendeu a lutar pelos seus ideais e objetivos. Estudou no Ateneu Francano, formou-se como contador e, entrando no exército, participou das Revoluções de 1930 e 1932.

Formou-se em Economia pela Universidade do Rio de Janeiro (UERJ) em 1938. Participou da Frente Negra Brasileira (FNB), cujas atividades foram encerradas pela ditadura do Estado Novo (1937-1945). Foi preso pelo Tribunal de Segurança Nacional por protestar contra as arbitrariedades do governo de Vargas.

Em 1944, fundou o Teatro Experimental do Negro (TEN), do qual participaram Solano Trindade e outros intelectuais e artistas afrodescendentes. O objetivo maior do TEN era

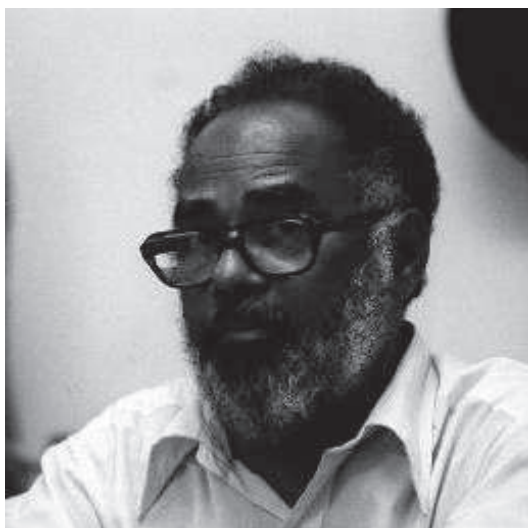


Figura 2: Abdias Nascimento

Fonte:

"<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2020/09/abdias-do-nascimento-conheca-um-dos-maiores-ativistas-negros-do-brasil.html>. Acesso em: 05 nov. 2023.

criar um espaço criativo nos palcos brasileiros para o negro, excluído, à época, do meio teatral. No ano seguinte, organizou, no Rio de Janeiro e em São Paulo, a Convenção Nacional do Negro, com o objetivo de chamar a atenção da sociedade para a criminalização do racismo, no momento em que a Assembleia Nacional Constituinte implantava um novo ordenamento jurídico no país.

Em 1950, organizou, no Rio de Janeiro, o Primeiro Congresso do Negro Brasileiro. Formado na primeira turma do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), fundou, em 1968, o Museu da Arte Negra. No ano seguinte, 1969, perseguido pela ditadura militar, exilou-se nos EUA, tendo lecionado nas universidades de Yale, Wesleyan, New York e Temple.

Abdias do Nascimento lecionou ainda na Universidade de Ifé, na Nigéria. Nos anos 1970, participou de significativos eventos internacionais sobre a cultura negra realizados no Brasil e no exterior. A África, a América Latina e os EUA testemunharam a sua forte atuação, lutando sempre com o objetivo de colocar o negro no seu patamar de dignidade e evidência. Com a abertura do regime militar, chegou ao fim o exílio e retornou ao Brasil.

⁴ A biografia e a maior parte das informações sobre Abdias do Nascimento foram coletadas em Literafro: o portal da literatura afro-brasileira. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível para consulta em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/462-abdias-nascimento> Acesso em: 05 nov. 2023.

Abdias Nascimento participou ativamente da vida política do país, tendo sido eleito Vice-Presidente Nacional do Partido Democrático Trabalhista (PDT), que ajudou a fundar. Foi responsável, ainda, pela criação do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO) na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e pela organização do Terceiro Congresso de Cultura Negra das Américas. Em 1983, criou a Revista *Afrodiáspora*, um órgão de divulgação das atividades, dos problemas e das aspirações dos afrodescendentes, especialmente nas Américas.

O escritor foi protagonista de inúmeros fatos históricos relevantes, entre eles, a criação do Movimento Negro Unificado (MNU), em São Paulo. Ouçamo-lo:

Eu estava lá, em 1978, nas escadarias do Teatro Municipal, no momento em que foi fundado o MNU. Depois, fizemos várias viagens por todo o país criando núcleos do movimento negro na Bahia, em Minas Gerais e na Paraíba, por exemplo (Nascimento, 2011).

Em 1980, auxiliou na criação do Memorial Zumbi; em 1982, elegeu-se Deputado Federal pelo PDT do Rio de Janeiro; na década seguinte, ocupou a cadeira de Senador da República. Foi também titular da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Nascimento foi o primeiro deputado federal do país a desenvolver projetos de lei de políticas afirmativas. Como suplente do antropólogo Darcy Ribeiro no Senado, assumiu a cadeira entre 1991 e 1992 e de 1997 a 1999.

Além de poeta, teatrólogo e artista plástico, Abdias do Nascimento destacou-se como cientista social e como autor de importantes trabalhos que tratam da temática afro-brasileira, considerados referência obrigatória nesse campo de estudos. Foi agraciado com os títulos de Professor Emérito da Universidade do Estado de Nova York em Buffalo, EUA, e Doutor *Honoris Causa* da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1990) da Universidade Federal da Bahia (2000). Em 2001, recebeu o prêmio “Herança Africana”, oferecido pelo Schomburg Center for Research in Black Culture, o prêmio UNESCO, categoria Direitos Humanos e Cultura da Paz e o prêmio “Cidadania Mundial”, oferecido pela Comunidade *Baha’i* do Brasil.

Vejamos um breve resumo do seu livro *O Genocídio do Negro Brasileiro*:

Abdias Nascimento em **O Genocídio do Negro Brasileiro**, opera, em nosso olhar, uma matriz epistêmica de desconstrução de Mitos, pois o propósito central de sua obra, volta-se para a desconstrução do conceito de **democracia racial**, que por

diferentes caminhos perpetrou-se na sociedade brasileira, refletindo-se em uma suposta relação concreta de convivência harmoniosa entre negros e brancos no país. Subjacente a essa ideia central, busca interrogar e desconstruir mitos que lhe estão atrelados, tais como: certa benevolência dos senhores e humanidade existente na escravidão latino-americana, sob a influência cristã (católica e protestante); as tendências ao intercasamento entre negros e brancos como suposição de relações horizontais entre ambos; a influência da cultura africana e de seus descendentes como sinônimo de ausência de preconceito racial no Brasil. Todos esses elementos, se revelam para o autor, conforme a lógica da desconstrução como: “uma extremamente perigosa mística racista, cujo objetivo é o desaparecimento inapelável do descendente africano, tanto física, quanto espiritualmente, através do malicioso processo do embranquecer a pele negra e a cultura do negro”.⁵

Abdias do Nascimento recebeu das mãos do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva a Ordem do Rio Branco, no grau de Comendador, a honraria mais alta outorgada pelo governo brasileiro.

Em 2003, lançou edição fac-similada do jornal *Quilombo*, do Teatro Experimental do Negro, contendo a reprodução dos números 01 a 10, que circularam entre dezembro de 1948 e julho de 1950. Sua defesa dos direitos dos afrodescendentes lhe rendeu uma indicação ao Prêmio Nobel da Paz em 2010. Em março, do ano seguinte, esteve entre as lideranças negras convidadas para o encontro com o presidente norte-americano Barack Obama.

Nas palavras e no reconhecimento de Nilma Lino Gomes e Kabengele Munanga, dois dos maiores nomes dos estudos das relações étnico-raciais atualmente no nosso país, “Abdias do Nascimento foi, sem dúvida, um fundamental militante no combate à discriminação racial no Brasil e sua história confunde-se com as conquistas sociais dos negros nos últimos 60 anos” (Gomes; Munanga, 2016, p. 200).

O intelectual brasileiro da mais alta relevância nos deixou no dia 24 de março de 2011, no Rio de Janeiro, poucas semanas após completar 97 anos de idade.

Proposta de Atividades!

01. De acordo com Nilma Lino Gomes e Kabengele Munanga, Abdias do Nascimento foi um fundamental militante no combate à discriminação racial no Brasil e sua história se confunde

⁵ Trecho extraído de “O genocídio do negro brasileiro: uma (re)leitura para espaços-tempos de pandemia” Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-genocidio-do-negro-brasileiro-uma-releitura-para-espacos-tempos-de-pandemia/> Acesso em: 05 ago. 2023.

com as conquistas sociais dos negros nos últimos sessenta anos. Justifique esta afirmação com trechos do texto.

02. Relacione, no seu caderno, as principais organizações fundadas por Abdias do Nascimento e aponte a sua relevância para a população negra brasileira daquela época.

03. Em dupla, realize uma breve pesquisa sobre a **Frente Negra Brasileira** (FNB). Qual era seu objetivo principal e suas pautas de atuação?

Proposta de Atividade Interdisciplinar!

Tomando como referência o resumo da obra “*O genocídio do negro brasileiro*”, convide seus professores de História, Filosofia e Sociologia para uma conversa: (Sugestão: realize uma breve pesquisa sobre a *democracia racial* e seus impactos no Brasil nesse período).

a) Sobre “*a democracia racial*”: Ela existiu, existe ou é apenas um discurso descabido para camuflar a violência do racismo em nosso país? Como ela se manifesta nos dias de hoje?

b) Reflita sobre as dificuldades das pessoas negras de viver no Brasil durante a Primeira República (1889-1930). Pense, por exemplo, quais seriam as piores dificuldades para essas pessoas no seu dia a dia. (Tinham acesso à educação, saúde, moradia, trabalho e lazer?)

2.2 Antonieta de Barros (1901 – 1952)⁶



Figura 3: Antonieta de Barros

Fonte:

<https://www1.udesc.br/?id=2678>.

Acesso em: 05 nov. 2023.

Nascida em 11 de julho de 1901, em Florianópolis, Antonieta de Barros foi a primeira mulher a integrar a Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Educadora e jornalista atuante, teve que romper muitas barreiras para conquistar espaços que, em seu tempo, eram inacessíveis para as mulheres – e mais ainda para uma mulher negra. Alfabetizada pelos estudantes que moravam em sua casa — uma pensão fundada por sua mãe para complementar a renda —, ela continuou estudando até se tornar jornalista, professora e política.

Deu início às atividades como jornalista na década de 1920, criando e dirigindo em Florianópolis, o jornal *A Semana*, mantido até 1927.

⁶ As referências biográficas sobre Antonieta de Barros foram coletadas em: Museu - Antonieta de Barros (1901-1952), organizado pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) disponível para consulta em: <https://www1.udesc.br/?id=2678>; E também foram coletadas em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/personalidades-negras-2013-antonieta-de-barros> (Acesso em: 11 nov. 2023)

Na mesma década, dirigiu o periódico *Vida Ilhoa*, na mesma cidade. Como educadora, fundou o Curso Antonieta de Barros, que dirigiu até a sua morte, em 1952, além de ter lecionado em outros três colégios.

Importante!

A primeira mulher, e negra, eleita no Brasil — assim sempre será lembrada Antonieta de Barros. Filha de escrava liberta e órfã de pai, Antonieta teve uma infância muito pobre e difícil.

Suas principais bandeiras foram: educação para todos, valorização da cultura negra e emancipação feminina. Eleita deputada estadual em 1934 pelo Partido Liberal Catarinense, ajudou a elaborar a Constituição do estado em 1935, tendo escrito os capítulos “Educação e Cultura” e “Funcionalismo”. Trabalhou na Assembleia Legislativa de Santa Catarina até 1937, quando teve início a ditadura do Estado Novo."

Antonieta de Barros é uma das catarinenses mais importantes de todos os tempos. Foi a primeira negra a ser eleita deputada estadual no país. Professora de formação, criou um centro de educação, um jornal e uma revista onde escrevia com o pseudônimo Maria da Ilha. Em 1937, publicou um livro e lutou durante toda a sua vida pelo direito das mulheres e dos negros. Sua contribuição como pessoa e professora foi de grande valor para a educação e a política.

Como nos informa a historiadora Karla Leandro Rascke (2018, p. 75), a professora normalista Antonieta de Barros foi proprietária de uma escola primária e, mais tarde, em 1935, tornou-se a primeira mulher deputada estadual em Santa Catarina. Depois atuou como diretora do Instituto de Educação Dias Velho e novamente ocupou o cargo de deputada em 1948. Esteve ligada ao Centro Catarinense de Letras (1925), ao Centro Cívico das Normalistas onde era presidenta e dedicada à alfabetização de adultos e, também participou da Liga do Magistério Catarinense, instituição composta somente de mulheres, coligando-se ao Centro e “trazendo para seu seio outras estudiosas e literatas como a presidente Beatriz Brito e a oradora e poetisa Maura de Senna Pereira. Antonieta de Barros era primeira secretária da Liga”

“O maior contributo da Antonieta de Barros, sem dúvida, é político. Na intervenção de um tempo muito difícil, se você pensar que ela é a primeira mulher eleita para o legislativo de Santa Catarina. Todos os outros eram homens. Você imagina o cotidiano desta mulher na Assembleia Legislativa?”, indaga o historiador, Marcos Canetta Rufino. “Negra, pobre e filha de escravos determinou questões da literatura, educação, política e funcionalismo público, eu

tenho de imaginar as dificuldades que ela passou”. O legado de Antonieta reflete-se até hoje. Ela dá nome a edifício, túnel, colégio e há poucos dias um mural em sua homenagem foi pintado no Centro de Florianópolis. Sua vida foi de dedicação e conquistas até o seu falecimento, em março de 1952.

Importante!

Maria Antonieta de Barros sempre levantou a bandeira da educação, apresentando importantes leis relativas ao magistério, entre elas a que instituiu o dia 15 de outubro como o Dia do Professor.

Proposta de Atividades!

01. O historiador e professor Marcos Rufino fez a seguinte observação sobre a atuação política de Antonieta de Barros: “Se você pensar que ela é a primeira mulher eleita para o legislativo de Santa Catarina, onde todos os outros eram homens, você imagina o cotidiano desta mulher na Assembleia Legislativa?

- a) Por que o Brasil levou tanto tempo para admitir mulheres na política?
- b) Qual era o lugar social da mulher nos primeiros anos da República (1889-1930)?
- c) Você concorda que a educação é uma forma de resistência e “*quebrar barreiras*” e possibilita realizar sonhos?
- d) Quantas mulheres que atuam na política você conhece? (Pesquise as mulheres que compõem o Legislativo de sua cidade. Elabore uma lista no seu caderno)
- e) Que tal convidar uma vereadora da sua cidade para um bate papo sobre “*A importância da participação feminina na política*” na sua escola.
- f) Você concorda com a máxima: “O lugar da mulher é onde ela quiser”? (Justificar a resposta)

2.3 Carolina Maria de Jesus (1914 – 1977)⁷

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento-MG, em 14 de março de 1914, filha de negros que migraram para a cidade no início das atividades pecuárias na região. Oriunda de família muito humilde, a autora estudou pouco. No início de 1923, foi matriculada no colégio Allan Kardec – primeira escola espírita do Brasil –, na qual crianças pobres eram mantidas por

⁷ As informações sobre a escritora Carolina Maria de Jesus foram coletadas em Literafro: o portal da literatura afro-brasileira, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Disponível para consulta em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>. Acesso em: 05 nov. 2023.

peessoas influentes da sociedade. Lá estudou por dois anos, sustentada pela Sra. Maria Leite Monteiro de Barros, para quem a mãe de Carolina trabalhava como lavadeira.



Figura 4: Carolina Maria de Jesus

Fonte:

<http://www.lettras.ufmg.br/literaafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>. Acesso em: 05 nov. 2023.

Mudou-se para São Paulo em 1937, quando a cidade iniciava seu processo de modernização e assistia ao surgimento das primeiras favelas. Carolina e seus três filhos – João José de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima –, residiram por um tempo na favela do Canindé.

Sozinha, vivia de catar papéis, ferros e outros materiais recicláveis nas ruas da cidade, vindo desse ofício a sua única fonte de renda. Leitora voraz de livros e de tudo o que lhe caía nas mãos, logo tomou o hábito de escrever. E assim iniciou sua trajetória de memorialista, passando a registrar o cotidiano do “quarto de despejo” de uma favela na capital paulista, nos cadernos que recolhia do lixo e que se transformariam mais tarde nos “diários de uma favelada”.

A escritora foi “descoberta” pelo jornalista Audálio Dantas, na década de 1950. Carolina estava em uma praça vizinha à comunidade, quando percebeu que alguns adultos estavam destruindo os brinquedos ali instalados para as crianças. Sem pensar, ameaçou denunciar os infratores, fazendo deles personagens do seu livro de memórias. Ao presenciar a cena, o jovem jornalista iniciou um diálogo com a mulher que possuía inúmeros cadernos nos quais narrava o drama de sua indigência e o dia-a-dia do Canindé. Dantas, de imediato, interessou-se pelo “fenômeno” que tinha em mãos e se comprometeu em reunir e divulgar o material.

A publicação de *Quarto de despejo* deu-se em 1960, tendo o livro uma vendagem recorde de trinta mil exemplares, na primeira edição, chegando ao total de cem mil exemplares vendidos, na segunda e terceira edições. Além disso, foi traduzido para treze idiomas e distribuído em mais de quarenta países. A publicação e a tiragem dos exemplares demonstram o interesse do público e da mídia pelo ineditismo da narrativa.

Carolina publicou ainda outros três livros: *Casa de Alvenaria* (1961), *Pedaços de Fome* (1963), *Provérbios* (1963). O volume *Diário de Bitita* (1982), publicação póstuma, também oriunda de manuscritos em poder da autora, foi editado primeiramente em Paris, com o título *Journal de Bitita*, que teria recebido, a princípio, o título de *Um Brasil para brasileiros*.

Em 1997, o pesquisador José Carlos Sebe Bom Meihy, autor do volume crítico *Cinderela negra*, em que discute a vida e a obra da autora, reuniu e trouxe a público um conjunto de poemas inéditos com o título de *Antologia pessoal*. Todavia, nenhuma destas obras conseguiu repetir o sucesso de público que *Quarto de despejo* obteve.

De acordo com Carlos Vogt (1983), Carolina Maria de Jesus teria ainda deixado inéditos dois romances: *Felizarda* e *Os escravos*. Mas há outros, como *Dr. Sílvio*, além de contos, peças de teatro, letras de música, e escritos esparsos, cujos originais fotocopiados encontram-se já digitalizados e disponíveis para pesquisa no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG, fruto de doação do pesquisador José Carlos Sebe Bom Meihy.

Em 13 de fevereiro de 1977, a autora faleceu em um pequeno sítio, na periferia de São Paulo, quase esquecida pelo público e pela imprensa. Mais recentemente, para além do interesse despertado pela trajetória de vida, seus escritos vêm sendo objeto de artigos, dissertações e teses, em função da abertura propiciada pelos novos rumos tomados pelos estudos literários no país e no exterior, que passam a ver com outros olhos a chamada “escrita do eu”.

Nesse contexto, o conjunto de escritos ainda não publicados deixados pela autora vêm despertando interesse não apenas do mundo acadêmico, mas igualmente do mercado editorial. Além das publicações póstumas das décadas de 1980 e 1990, em 2014 foi editada a coletânea *Onde estaes felicidade?* e, em 2018, *Meu sonho é escrever...* contos inéditos e outros escritos.

Em paralelo, sua trajetória de mulher negra, marginalizada e oriunda dos estratos menos abastados da população brasileira já é objeto, até agora, de três biografias, assinadas por pesquisadores : a primeira, escrita por Eliana de Moura Castro em parceria com Marília Novais da Mata Machado; a segunda, assinada por Joel Rufino dos Santos; e a terceira, de 2018, de autoria de Tom Farias, conhecido por seus relevantes trabalhos sobre a vida e a obra de Cruz e Sousa e José do Patrocínio. Farias destaca “a força criadora e criativa de uma mulher determinada a viver pelo seu ideal de vida, mas que o mundo da indústria da escrita consumiu como um ‘fruto estranho’ que ela se tornou”.

Na década de 2000, foi inaugurado no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, o Museu Afro-Brasil, cuja biblioteca leva o nome de Carolina Maria de Jesus. A biblioteca possui cerca de 6.800 publicações com especial destaque para uma coleção de obras raras sobre o tema do Tráfico Atlântico e Abolição da Escravatura no Brasil, América Latina, Caribe e Estados Unidos.

De acordo com o crítico e biógrafo Tom Farias,

Carolina Maria de Jesus representou essa mulher, que transformou uma atitude corriqueira que é o ato de escrever, na bandeira contra a fome e a miséria, bandeira essa que tremula, como um estandarte, protegendo as cabeças dos fracos e oprimidos, dos que, como ela, envergaram a espinha para ganhar a vida, nos lixões de cada esquina, nas obras do metrô, nos garimpos, nas aberturas de estradas que, infelizmente, levaram este país para lugar nenhum. (Farias, 2020, p. 190).

Carolina Maria de Jesus foi uma mulher intemorata, corajosa e cheia de atitudes, com seu pensamento singular, sua escrita simples, deixou um enorme legado eivado de desafios e alertas, de indignações e dúvidas. Podemos pensar que seus escritos simbolizam a luta sofrida, não só das mulheres pobres e humildes, mas a luta em prol do dia seguinte, do dia necessário para sobreviver, do dia sem vencedor e sem vencidos.

Atividade Interdisciplinar! (História, Literatura e Artes)

01. Qual a importância da Literatura para a humanidade? (Troque uma ideia com seu professor de Artes e Literatura)
02. Realize uma pesquisa para apontar a relação entre Literatura e História. Pense por exemplo, elas se complementam?
03. Quantos livros de literatura de autores negros você já leu? (Se já leu algum, comente brevemente sobre este/esta escritor/escritora. Sobre qual assunto o livro tratava?)
04. Quantos personagens negros você já encontrou na leitura de livros? Você consegue descrever o papel que desempenhavam? (Por exemplo, as personagens negras eram protagonistas ou figurantes? Vilões ou heróis?)
05. Leia o texto sobre Maria Carolina de Jesus e explique qual a relevância social de suas obras?
06. Proposta de roda de conversa: Combine com seus professores uma roda de conversa e proponha que seja realizado um bate-papo sobre intelectuais negros na literatura e nas artes brasileira.

2.4 Grande Otelo⁸

Sebastião Bernardo da Costa, mais conhecido como o Grande Otelo, nasceu no dia 18 de outubro de 1915 em Uberlândia, Minas Gerais. Considerado um dos maiores atores do século XX, Grande Otelo foi um artista multimídia, tendo trabalhado no teatro, rádio, cinema e na televisão. Versátil e dono de uma consagrada expressão facial e corporal, destacou-se como



Figura 5: Grande Otelo

Fonte: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/personalidades-negras-2013-grande-otelo>. Acesso em: 05 nov. 2023.

ator, cantor, compositor, sambista e poeta.

Seus personagens sempre tiveram um grande apelo popular, desde os tempos do Teatro de Revista, quando participou da Companhia Negra de Revistas, até quando interpretou Macunaíma no cinema, em 1969. Grande Otelo foi primeiro artista negro a ocupar espaço de destaque no cinema e na televisão brasileira.

Desde a infância vivida em Uberlândia, sua cidade natal, Sebastião sempre fora atraído pela rua e pelas manifestações populares, como o carnaval e as congadas. Ainda pequeno foi considerado um menino prodígio, pois atingiu a maturidade artística muito cedo. O filme “O Garoto”, de Charles Chaplin, apareceu como uma influência decisiva no seu encantamento pela carreira de ator. Outra grande influência foi o ator mirim norte-americano Allen Clayton Hoskins, que participava da série “Our Gang”.

Otelo teve a primeira experiência como ator aos sete anos, fazendo uma participação no circo que passava pela sua cidade natal. Na ocasião, Bastiãozinho, como era conhecido, apareceu vestido de mulher interpretando a esposa do palhaço, o que causou enorme comicidade e sucesso.

O teatro, sua primeira paixão, não deixaria de contar com suas belas interpretações. Entre 1946, até o final de sua carreira, o artista brilhou em inúmeras peças e trabalhou com os mais diferentes diretores, como Walter Pinto, Juan Daniel, Carlos Machado, Geisa Bôscoli e Chico Anísio. Algumas de suas peças de bastante sucesso foram, entre muitas outras: *Um*

⁸ As informações sobre a vida e as obras do artista Grande Otelo foram coletadas em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/historia-e-memoria/2014/07/17/grande-otelo>. Acesso em 06 nov. 2023.

milhão de mulheres (1947), *Muié Macho*, *Sim Sinhô* (1950), *Banzo aiê* (1956) e *O homem de La Mancha* (1973).

Na década de 1950, Grande Otelo passou a atuar também na televisão, em emissoras como a TV Tupi do Rio e Tv Rio. Em 1965 foi contratado pela rede Globo, participando de inúmeras novelas e programas humorísticos. Em 1986 participou da novela *Sinhá Moça*, de enorme sucesso, onde contracenou mais uma vez com a atriz e amiga *Ruth de Souza*⁹.

Apesar de inúmeros sucessos, a carreira de Grande Otelo foi marcada por altos e baixos. Sua indisciplina e seu gosto pela boemia e pela bebida fizeram com que faltasse muito a ensaios e apresentações, o que gerou a fama de irresponsável, injusta, em sua opinião. Umbandista, foi através da religião, na cabana de Pai Jatun, que diminuiu o consumo de bebida alcoólica, no final da carreira. Recebeu inúmeras homenagens e prêmios pelo conjunto de sua obra. Morreu em 1993, vítima de uma parada cardíaca.

Para saber mais! **(Caixa)**

CABRAL, Sérgio. **Grande Otelo: uma biografia**. São Paulo: Editora 34, 2007.

Proposta de Atividades!

01. Por que podemos afirmar que Grande Otelo foi um talentoso artista multimídia?
02. Grande Otelo e Ruth de Souza (1921-2019) foram primeiros artistas negros a ocupar espaço de destaque no cinema e na televisão brasileira. Até algumas décadas esses não eram espaços para corpos negros, mas as coisas mudaram e ainda precisamos avançar na luta contra a discriminação racial e as várias formas de preconceito existentes. Hoje é possível observar a população negra ocupando todos os espaços. Relacione artistas negros que ocupam esses espaços de visibilidade social na sua cidade e região.

⁹ **Ruth de Souza** é considerada uma das grandes atrizes do teatro brasileiro. Nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1928 e iniciou sua carreira artística no Teatro Experimental do Negro (TEN), em 1945. Ruth encantou-se com a arte de interpretar ainda menina, quando sua mãe a levava para assistir às operetas, peças teatrais e aos filmes no cinema Americano, que posteriormente viria se chamar Cine Copacabana. Incentivada pela mãe, Ruth mergulhou no mundo mágico das telas de cinema e dos palcos. A admiração dos tempos de infância definiria seu objetivo de vida: interpretar. Em 1945, uma reportagem que anunciava a seleção de elenco de um teatro negro chamou sua atenção. Ruth atendeu ao chamado de sua vocação e ingressou no TEN aos 17 anos e participou da estreia do TEN no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, no dia 8 de maio de 1945. Informações disponíveis em: <https://ipeafro.org.br/personalidades/ruth-de-souza/> (Acesso em: 06 nov. 2023)

2.5 João Cândido (1880-1969)¹⁰

João Cândido Felisberto nasceu no ano de 1880 em Rio Pardo, interior do Rio Grande do Sul e com dez anos mudou-se para Porto Alegre aos cuidados do almirante Alexandrino de Alencar, amigo da família do patrão de seu pai. Quatro anos mais tarde, João Cândido ingressaria como “grumete” na Marinha do Brasil, pelas mãos do próprio almirante



O marinheiro João Cândido, que commandou o «Minas Geraes» e serviu de almirante a toda esquadra revoltada

Figura 6: João Cândido com 20 anos

Fonte:

<https://sp.cut.org.br/noticias/revolta-da-chibata-completa-103-anos-c62e>.

Acesso em: 05 nov. 2023.

Alexandrino. A marinha, na época, era destino de jovens excluídos e marginais da sociedade, negros em sua maioria. Era muito comum os rapazes chegarem à marinha indicados pela polícia.

No ano seguinte o “grumete”¹¹ foi destacado para trabalhar no Rio de Janeiro. Na capital, seu espírito de liderança logo o fez destacar-se perante os demais. Aos 20 anos já era instrutor de aprendizes-marinheiros. No início de 1900 tomou parte em uma missão na qual o Brasil disputou com a Bolívia o território do Acre. Estando empenhado na missão por 11 meses, contraiu tuberculose pulmonar e voltou para o Rio de Janeiro, onde ficou internado no hospital da marinha por noventa dias.

Recuperado, aos 29 anos João Cândido foi enviado junto a outros marinheiros para a Inglaterra, com o fim de familiarizar-se com o equipamento do novo navio de guerra brasileiro, batizado de Minas Gerais. Lá, os marujos brasileiros travaram contato com marinheiros ingleses, que compunham um dos mais politizados e organizados proletários existentes no mundo. A partir de então, os marinheiros brasileiros passaram a questionar a situação da marinha no país.

Os questionamentos ganharam popularidade e os marujos passaram a realizar reuniões e mostrar insatisfação com a situação. Quando as autoridades perceberam o clima de revolta instalado, João Cândido, reconhecido líder dos marujos, foi convidado a comparecer ao

¹⁰ Este texto biográfico foi produzido com parte das informações obtidas em: “João Cândido” disponível para consulta no Museu Afro Brasil através de: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/historia-e-memoria/2014/07/17/jo%C3%A3o-c%C3%A2ndido> (Acesso em: 16 nov. 2023). Também em: NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. **João Cândido: o mestre-sala dos mares**. Niterói: Eduff, 2020. (coleção Personagens do Pós-abolição: trajetórias, e sentidos de liberdade no Brasil republicano, v. 6). Disponível para gratuitamente para fazer Download em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/29857/Personagens-do-p%C3%B3s-aboli%C3%A7%C3%A3o-v6-Jo%C3%A3o-C%C3%A2ndido.pdf?sequence=1> (Acesso em: 16 nov. 2023)

¹¹ Praça inferior da Marinha, que a bordo faz a limpeza e ajuda os marinheiros nos diferentes trabalhos; aprendiz.

Palácio do Governo do então presidente Nilo Peçanha, que tentava fazê-lo aliado. Na reunião, o marujo resistiu à tentativa de aproximação e em nome dos marinheiros pediu o fim da chibata.

Em 22 de novembro de 1910 – 6 dias após a punição de 250 chibatadas infligida ao marujo Marcelino Menezes – explodiu a Revolta. Os marinheiros, sob liderança de João Cândido, protestaram contra as condições a que estavam relegados: os baixos salários, a ausência de um plano de carreira e, sobretudo, contra o castigo de impor chicotadas naqueles que cometiam as menores falhas. A punição da chibata era uma prática herdada da marinha portuguesa e os castigos eram realizados, à vista dos demais marinheiros.

Vejamos o que relata o deputado federal José Carlos de Carvalho¹², em um de seus discursos na Câmara dos Deputados, em 1910:

Mandaram vir a minha presença, Sr. Presidente, uma praça que tinha sido castigada ante-hontem. Examinei essa praça e trouxe-a commigo para terra para ser recolhida ao Hospital da Marinha. Presidente, as costas desse companheiro assemelham-se a uma tainha lanhada para ser salgada (*Jornal A Noite Ilustrada*, 7 de março de 1934, p. 9)

Os revoltosos tomaram então dois encouraçados e apontaram-nos para a Baía de Guanabara, pedindo pelo fim das chibatadas. João Cândido liderou o couraçado Minas Geraes, maior navio de guerra brasileiro, recém-adquirido. Com o Minas Gerais, aliaram-se os encouraçados São Paulo e Bahia.

Após quatro dias de enorme tensão na Capital Federal, a revolta chegou ao fim, quando o governo concedeu anistia aos revoltosos. No entanto, ao final de dois dias deu-se início a um cruel processo de perseguição aos marinheiros. Vinte e dois marujos foram presos na Ilha das Cobras, sede dos Fuzileiros Navais, enquanto João Cândido seguiu trabalhando como marinheiro no navio Minas Gerais.

Em 9 de dezembro deu-se início a um motim armado na Ilha, que dividiu os marujos. João Cândido e alguns líderes da revolta de novembro posicionam-se contra o motim, julgando que este poderia enfraquecer a causa. Os amotinados foram massacrados em menos de 24 horas. Muitos oficiais também terminaram mortos.

¹² Em 1910, o deputado federal José Carlos de Carvalho tomou parte nas negociações com os marinheiros amotinados por ocasião da Revolta da Chibata, comandada por João Cândido. Em discurso na Câmara dos Deputados, após visitar um dos navios tomados pelos revoltosos, salienta como os marinheiros eram castigados por seus superiores. Vida heróica e construtora de um lidador de homens e ideias. Quem foi o almirante José Carlos de Carvalho.». Republicado pela Hemeroteca Digital Brasileira. *A Noite Ilustrada* (n.209): p.9. 7 de março de 1934.

Apesar de ter se posicionado contra a revolta na Ilha das Cobras, João Cândido foi preso ao desembarcar do Minas Gerais, sob a alegação de ter desobedecido ordens superiores. Novas levas de prisões de marinheiros superlotaram os presídios. O Almirante Negro foi então transferido, ao lado de outros dezessete marujos para a Ilha das Cobras, onde todos foram trancados em uma solitária, no dia 24 de dezembro. No dia 26, ao abrir a cela, o oficial deparou-se com 16 dos presos mortos por asfixia, em razão da cal, usada para desinfetar a solitária e ter penetrado no pulmão dos presos. Apenas João Cândido e o soldado naval João Avelino sobreviveram. O fato ficou marcado tragicamente na memória do Almirante Negro.

Em 18 de abril de 1911, João foi transferido para o Hospital dos Alienados, sob o rótulo de doente mental. Ali, ele permaneceu durante dois meses conseguindo passar relativamente bem, fazendo amizade com alguns enfermeiros e conseguindo, inclusive, que fizessem vista grossa para alguns passeios pela cidade. Na época, o diretor do hospital era o renomado médico Juliano Moreira. Ao final de dois meses, sem justificativa plausível para sua permanência no hospital, Cândido foi levado de volta ao presídio na Ilha das Cobras.

Finalmente, após dezoito meses de prisão, João Cândido e os marujos seus companheiros foram levados ao Conselho de Guerra para serem julgados. No julgamento, são defendidos por advogados contratados pela Irmandade da Igreja Nossa Senhora do Rosário, que nada cobram por seus serviços. Na madrugada do dia primeiro de dezembro de 1912 são absolvidos, mas excluídos da Marinha pelo Conselho de Guerra.

Ao sair da prisão, João Cândido encontrou-se sem dinheiro, abatido, com 32 anos e apenas a roupa do corpo. Após um curto tempo procurando emprego, foi acolhido pelo carpinteiro Freitas, que lhe ofereceu abrigo. Logo, passou a namorar Marieta, uma das filhas do carpinteiro, e tornou-se conhecido das pessoas do bairro, que ficavam animadas em ouvir as histórias da Revolta.

Trabalhando no Porto, João Cândido encontrou lugar na tripulação do veleiro Antonico, que o marinheiro conduziu com maestria durante alguns meses pela costa brasileira, tornando-se inclusive comandante do barco depois do proprietário adoecer. Esta foi a primeira vez que João Cândido vestiu a farda de comandante. Após o natal, casou-se na Igreja da Glória com a filha do carpinteiro que lhe deu abrigo.

A bonança do marinheiro, porém, durou pouco mais de um ano, quando João Cândido foi demitido do Antonico a pedido do comandante dos portos de Santa Catarina, Ascânio Montes, que era oficial do Minas Gerais durante a Revolta da Chibata e havia sido preso pelos revoltosos na ocasião. A partir daí, ao encontrar novo emprego na marinha mercante, João Cândido passou a ser sempre boicotado, ora pelo comandante do Porto de Santa

Catarina, ora pela sua saúde, debilitada. Em 1917 a sua esposa vem a falecer, vítima de uma infecção intestinal.

Três anos se passaram e João Cândido conheceu Maria Dolores, moça de 18 anos, pela qual se apaixonou. Os dois se casaram e foram morar em São João de Meriti, subúrbio da capital federal. A relação entre os dois, marcada por diversas brigas, tem um final trágico, quando, em 1928, Maria Dolores coloca fogo no próprio corpo em frente às duas filhas mais velhas do casal, Nuaça, 8, e Zelândia, 4.

No ano seguinte, João conseguiria a guarda dos filhos e teria mais alguns meses de calma até ficar um dia preso em 1930, por supostas relações com líderes de esquerda que estariam conspirando contra Washington Luís. No mesmo ano passou a morar junto de uma nova mulher, Ana, enquanto sua saúde se tornava cada vez mais debilitada e frágil com o trabalho pesado na madrugada.

Sempre atento à política e constantemente requisitado pelos líderes dos movimentos políticos do Brasil, João acompanhou entusiasmado o surgimento e a atuação do grupo de esquerda Aliança Nacional Libertadora (ANL). Mais tarde, animou-se ainda mais com a Ação Integralista Brasileira (AIB), grupo de direita que logo se espalhou entre praças e jovens da Marinha de Guerra. João chegou inclusive a filiar-se ao núcleo integralista da Pavuna, mas por fim acabou se decepcionando com o grupo e seu líder Plínio Salgado.¹³

Em 1964 foi derrotada a “Rebelião dos Marinheiros”, liderada pela Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil (AMFNB), que surgiu em 1962 lutando pelo direito da classe. Cândido tomou parte na Rebelião, ocorrida no prédio da Associação e considerada por alguns a versão da década de 60 da revolta da chibata.

Em 1968, já casado com Ana, João Cândido concedeu entrevista ao Museu da Imagem e Som do Rio de Janeiro, como parte do ciclo “História Contemporânea”.

¹³ A Aliança Nacional Libertadora (ANL) foi uma organização política de âmbito nacional fundada em março de 1935 com o objetivo de combater o fascismo e o imperialismo no Brasil. Foi articulada por um pequeno núcleo de intelectuais e militares em reação ao crescimento da Ação Integralista Brasileira (AIB) e constituiu uma frente ampla que reuniu socialistas, comunistas, católicos e democratas. Seu diretório nacional provisório foi composto por Hercúlio Cascardo (presidente), Amoreti Osório (vice-presidente), Francisco Mangabeira, Roberto Sisson e outros. Luís Carlos Prestes era seu presidente de honra. Em julho de 1935 foi fechada por ordem do presidente Getúlio Vargas, com base na Lei de Segurança Nacional (LSN), mas continuou a atuar na clandestinidade até a eclosão do Levante Comunista em novembro do mesmo ano. Com a repressão que se seguiu, foi inteiramente desarticulada. Disponível em: (<https://jk.cpdoc.fgv.br/fatos-eventos/alianca-nacional-libertadora-anl>) O Integralismo foi um movimento fascista com atuação política no cenário político brasileiro. O partido foi fundado em 1932, por Plínio Salgado e extinto em 1937 com a implantação do Estado Novo, cuja nova constituição extinguiu todos os partidos políticos. (Fonte: STANGER, Diego. A ação integralista brasileira e sua atuação política no Espírito Santo. **Revista Ágora**, Vitória, n. 29, 2019, p. 28-48.)

No ano seguinte, dia 06 de dezembro de 1969, aos 89 anos, João Cândido morreu vítima de um câncer no intestino. Nos anos finais de sua vida o Almirante Negro recebeu pensão da prefeitura da sua cidade natal, Rio Pardo. No começo da década de 70, uma das mais belas canções da música popular brasileira “O mestre sala dos mares” - em homenagem a João Cândido e a Revolta da Chibata - foi lançada na voz de Elis Regina, após a letra da canção de Aldir Blanc e João Bosco ter ficado por alguns anos presa à censura ditatorial civil-militar, pelo fato de exaltar a raça negra.

Proposta de Atividades!

01. Historiadores defendem que o movimento dos marinheiros ocorrido na Marinha brasileira em 1910 e liderado por João Cândido foi muito mais amplo que uma luta contra os castigos físicos impostos pelo código disciplinar da Marinha naquela época. Foi, em sentido amplo, uma luta pelos direitos humanos. Você concorda?
02. Por que, na sua opinião, o nome de João Cândido foi apagado da Marinha brasileira e só recentemente recebeu o reconhecimento merecido como um dos maiores líderes do Brasil?

2.6 João da Cruz e Sousa (1861 – 1898)¹⁴

João da Cruz e Sousa nasceu na antiga Desterro, atual Florianópolis, em 24 de novembro de 1861, filho de escravizados alforriados. Criado no solar dos que foram senhores de seus pais, recebeu, em 1874, uma bolsa de estudo para o Ateneu Catarinense. Desde cedo voltado para a literatura, fundou, com os amigos Virgílio Várzea e Santos Lostada o jornal *Colombo* e mais tarde *Tribuna Popular*. Dirigiu também o semanário *Moleque*.

Em 1885, com Virgílio Várzea, publicou o livro *Tropos e fantasias*. Em 1887, foi tentar a vida no Rio de Janeiro, mas pouco depois voltou, sem sucesso; mas fez nova tentativa em 1889. Conseguiu emprego e passou a colaborar em jornais e revistas, tornando-se o grande líder e a maior expressão do movimento simbolista. Lançou, em 1893, o livro *Missal e Broquéis*; nesse mesmo ano casou com Gavita e foi nomeado arquivista na Central do Brasil, no Rio de Janeiro.

Quando jovem, sofreu discriminação racial, visto que foi proibido de assumir o cargo de promotor público em Laguna, Santa Catarina. Mais tarde, mudou-se para o Rio de

¹⁴ As pesquisas sobre o escritor Cruz e Sousa foram realizadas pelo aluno do Terceiro Ano do Ensino Médio Davi Lima Lima coletadas em: <https://www.cultura.sc.gov.br/espacos/mhsc/cruz-e-souza> (Acesso em: 17 out. 2023).

Janeiro. Na capital carioca, ele foi colaborador do jornal *Folha Popular* e das revistas *Ilustrada* e *Novidades*. Além disso, trabalhou como arquivista na Estrada de Ferro Central do Brasil.

Atingido pela tuberculose, buscou tratamento em Sítio, Minas Gerais, mas faleceu



Figura 7: João da Cruz e Sousa

Fonte:

<https://www.cultura.sc.gov.br/noticias/23727-24-de-novembro-aniversario-de-cruz-e-sousa-tera-atividades-dedicadas-ao-poeta>.

Acesso em: 01 nov. 2023.

em 19 de março de 1898. O corpo foi enviado para o Rio de Janeiro num vagão de trem para transporte de gado e enterrado no cemitério de São Francisco Xavier. Ainda em 1898, após sua morte, foi publicado o livro *Evocações*. Em 1900, saiu a coletânea *Faróis*. Gavita, então viúva, morreu em 1901, também de tuberculose, mal do qual acabaram morrendo três filhos do casal. Em 1905, foi editado em Paris o livro *Últimos Sonetos*.

No dia 26 de novembro de 2007 seus restos mortais foram trasladados para Florianópolis, onde permanecem depositados numa urna exposta à visitação no Museu Histórico de Santa Catarina, localizado no Palácio Cruz e Sousa, no centro histórico da cidade.

E, entre eles, poucos foram os que escreveram em favor da causa negra. Cruz e Sousa, por exemplo, é acusado de ter omissão quanto a questões referentes à condição negra. Mesmo tendo sido filho de escravizados e recebido a alcunha de *Cisne Negro*, o poeta João da Cruz e Sousa não conseguiu escapar das acusações de indiferença pela causa abolicionista.

A acusação, porém, não procede, pois, apesar de a poesia social não fazer parte do projeto poético do Simbolismo, nem de seu projeto particular, o autor, em alguns poemas, retratou metaforicamente a condição do escravo. Cruz e Sousa militou, sim, contra a escravidão. Tanto da forma mais corriqueira, fundando jornais e proferindo palestras e participando da campanha antiescravista promovida pela sociedade carnavalesca “Diabo a quatro”, quanto nos seus textos abolicionistas, demonstrando desgosto com a condução do movimento pela família imperial.

Curiosidade!

Ele foi apelidado de “**Dante Negro**” em referência ao escritor humanista italiano Dante Alighieri.

A historiadora Karla Leandro Rascke (2018) ao analisar os jornais que circulavam em Florianópolis nas primeiras décadas do século XX, apontou que a memória de Cruz e Souza

fez-se sempre marcante, sendo retomada em contextos de rememoração do fim da escravidão, criação de centros cívicos, clubes negros, clubes de futebol, centros de cultura e memória, etc., em Santa Catarina, em diversos locais do estado.

Proposta de Atividades!

01. Realize uma pesquisa sobre o movimento simbolista destacando a sua importância para a afirmação da identidade afro-brasileira na literatura. (Você pode pedir ajuda ao seu professor de Artes ou Literatura)
02. Por ser um escritor negro, Cruz e Souza sofreu vários episódios de racismos. Relacione esses episódios narrados no texto, em seguida escreva um parágrafo refletindo sobre como o racismo pode ser eliminado da nossa sociedade atual.

2.7 José Agostinho dos Reis (1854 – 1929)¹⁵

As experiências da liberdade no século XIX no estado do Pará guardam a atuação



de personalidades históricas peculiares, mas que nem sempre estão no foco da historiografia tradicional. Homem negro liberto, que viveu sua vida entre as cidades de Belém e do Rio de Janeiro, o engenheiro e professor paraense José Agostinho dos Reis (1854-1929) é uma dessas figuras que despertam interesse e intrigam pela atuação incomum para uma pessoa negra liberta no Brasil do final do século XIX e início do século XX.

José Agostinho dos Reis não recebeu, ao longo dos anos, o devido destaque nos relatos sobre a História do Brasil. A historiadora Ana Flávia Magalhães Pinto¹⁶ (2021) pesquisa a trajetória de Agostinho dos Reis, assim como de outros abolicionistas negros, e

¹⁵ As informações sobre o engenheiro e professor paraense José Agostinho dos Reis foram retiradas do Caderno História do Diário OnLine do Pará: **Os negros paraenses que lutaram contra a escravidão. Confira as trajetórias de Agostinho dos Reis e de João da Cruz, homens negros que tiveram uma atuação importante na luta abolicionista no Estado do Pará.** Publicado em 12 de dezembro de 2021. Esta reportagem está disponível para consulta em: <https://dol.com.br/noticias/para/687339/os-negros-paraenses-que-lutaram-contra-a-escravidao?d=1> (Acesso em: 05 out. 2023)

¹⁶ Ana Flávia Magalhães Pinto é professora da Universidade de Brasília (UNB) e integrante da Rede de Historiadores Negros. Esta intelectual publicou alguns livros e artigos sobre a população negra no final do século XIX e início do século XX, por exemplo, o livro **Escritos de liberdade: Literatos Negros, Racismo e Cidadania no Brasil Oitocentista** (2019).

Figura 8: Dr. José Agostinho dos Reis
Fonte:

<https://doi.com.br/noticias/para/687339/os-negros-paraenses-que-lutaram-contra-a-escravidao?d=1> Acesso em: 05 nov. 2023.

considera que o fato de a maioria da população não lembrar de uma figura como o Agostinho remete ao estigma de que sujeitos como ele não se encaixam em lugares pré-estabelecidos pelas políticas de memória. Pinto (2021)

observa que agentes históricos como José Agostinho dos Reis “são indivíduos negros que não reafirmam essa imagem congelada da pessoa negra escravizada”.

A professora aponta que há um esforço entre historiadores e historiadoras para destinar um olhar mais atento para essa documentação que, por muito tempo, serviu para reforçar a ideia de uma não agência das pessoas negras, seja na escravidão ou na liberdade, e para, inclusive, explicitar o quanto os esforços de pessoas negras em defesa da liberdade produziram trajetórias, como as de Agostinho dos Reis.

“O José Agostinho dos Reis é uma figura emblemática, com uma história que tem vários elementos que justificam a gente chamar a atenção sobre a trajetória dele, apesar de ele não ter sido a única experiência. Ele é um sujeito que não cabe em nenhuma das caixinhas que a gente estabelece para visualizar a trajetória de uma pessoa negra nesse período da segunda metade do século XIX e início do século XX” (Pinto, 2021).

Nascido em Belém em 1854, José Agostinho dos Reis construiu a sua vida entre a cidade natal e o Rio de Janeiro, onde faleceu em 1929. Segundo relatos do próprio Agostinho, nasceu escravizado e foi alforriado pela mãe. Ainda em Belém, teve formação educacional inicial em espaços escolares católicos, relação que, inclusive, permitiu que ele conseguisse sair do Pará e ir para o Rio de Janeiro cursar engenharia. No Rio, tornou-se professor da Escola Politécnica e do Liceu de Artes e Ofícios, sem perder relações com Belém.

“É muito interessante que esse seja um sujeito absolutamente bem relacionado, que viveu em duas cidades durante toda a vida. Ele era funcionário público no Rio de Janeiro, mas construiu uma vida política a partir do Pará, a partir de Belém” (Pinto, 2021).

Ao longo de mais de 70 anos de vida, o professor e engenheiro paraense conseguiu feitos que não estariam autorizados legalmente a alguém que, como ele, nasceu escravizado. A pesquisadora Ana Flávia Magalhães Pinto explica que a Constituição do Império de 1824 estabelecia uma série de interdições à cidadania das pessoas negras. Pessoas africanas que, uma vez submetidas à escravidão, conseguissem a alforria não tinham reconhecida automaticamente a cidadania brasileira, se tornavam apátridas.¹⁷

¹⁷ Compete destacar que pela Constituição do Império de 1824 poucas pessoas eram consideradas cidadãos, as mulheres não votavam, escravizados não votavam, indígenas não votavam, estrangeiros de "segunda classe" não votavam.

No caso dos libertos, pessoas que nasceram escravizadas já no Brasil e que depois foram alforriadas, tinham um regime de cidadania parcial, poderiam ser eleitores de primeira instância, já que, no Império, as eleições aconteciam em duas fases, uma prévia e uma definitiva.

Os eleitores autorizados a participar desta segunda fase eram apenas as pessoas nascidas livres. Pessoas libertas não poderiam participar e, muito menos, se candidatar a cargos elegíveis. Apesar dessa proibição legal, José Agostinho dos Reis construiu uma trajetória em que conseguiu, ainda que não tenha sido eleito, burlar essa regra.

Segundo explica a historiadora Ana Flávia Magalhães Pinto (2021) Belém, assim como outras cidades do século XIX, era um espaço em que as condições originais das pessoas não eram esquecidas. Inclusive, era comum que ressaltassem o vínculo com a escravidão para constranger pessoas negras. Todo esse contexto deixa a atuação de Agostinho dos Reis ainda mais intrigante.

Ana Flávia Magalhães Pinto (2021) destaca que o mais interessante, e que eu estou buscando entender, é como o José Agostinho consegue justamente viver uma experiência de, por um tempo, silenciar a sua condição de liberto nos espaços onde ele circulou. A revelação de que ele tinha nascido escravizado só aconteceu – pelo menos publicamente -- em 1883, durante um discurso proferido por ele no Rio de Janeiro, quando ele já tinha se tornado não só bacharel, como doutor em engenharia, professor da Escola Politécnica. Mesmo depois disso, ele segue com a ousadia de, inclusive, se candidatar em vários pleitos eleitorais”.

Durante o período do Segundo Império, José Agostinho seguiu filiado ao Partido Conservador até que, já nos primeiros anos da República, juntou-se ao Partido Republicano Democrático, um partido constituído no Pará. “Esses são indícios que apontam que essa é uma figura que soube costurar muito bem suas relações porque ele não circulava apenas entre os figurões do Partido Conservador. Ele era alguém muito bem relacionado com abolicionistas vistos como mais radicais. Ele, inclusive, tinha um discurso bastante radical”, explica Ana Flávia Magalhães Pinto (2021).

“Ele atuava em muitas frentes. Em Belém, temos notícias de ele propondo obras de calçamento, de drenagem das águas e uma série de outras obras nesse campo da engenharia porque ele esteve articulado com essa política do Império e da República” (Pinto, 2021).

Uma vez estabelecido como engenheiro, Agostinho entrou para o Clube de Engenharia do Rio de Janeiro, onde se tornou presidente por algumas vezes e, já na República,

quando Albert Einstein veio ao Brasil, Agostinho estava na direção do clube e recepcionou Einstein.¹⁸

O paraense também foi um dos finalistas, por exemplo, do concurso para a escolha do Cristo Redentor, apresentando uma proposta que acabou não sendo a vencedora. Propôs, ainda, projetos de moradia popular e pouco antes de falecer, conseguiu a concessão para a construção de uma estrada de ferro que ligaria Cuiabá, no Mato Grosso, a Santarém, no Pará. “Essa obra não se concretizou porque ele morre, mas ele era alguém que estava articulado a esse nível”, considera a historiadora (Pinto, 2021).

Proposta de Atividades!

01. Você já havia estudado sobre este paraense nas suas aulas de História?
02. Quais personalidades negras você conhece? (Faça uma relação dessas personalidades)
02. Leia com atenção o texto e explique por que homens como o abolicionista José Agostinho dos Reis tiveram suas histórias apagadas e silenciadas.
03. Com base no texto, explique como José Agostinho dos Reis consegue romper as barreiras do preconceito e as dificuldades da época.

2.8 Juliano Moreira¹⁹

No início do século 20, ele revolucionou o tratamento de pessoas com transtornos mentais no Brasil e lutou incansavelmente para combater o racismo científico e a falsa ligação de doença mental à cor da pele. Juliano Moreira nasceu em Salvador, em 6 de janeiro de 1872,

¹⁸ Em maio de 1925, no cargo de vice-presidente da Academia Brasileira de Ciência, Juliano Moreira recebeu no Rio de Janeiro o cientista alemão Albert Einstein, com quem conversou a respeito de algumas impressões sobre o tratamento dado aos doentes mentais no período da visita do cientista ao Hospício Nacional (SANTOS, Ynaê Lopes dos. *Juliano Moreira: o médico negro na fundação da psiquiatria brasileira*. Niterói: Eduff, 2020. p. 114)

¹⁹ Texto elaborado pelo aluno Kalebe da Silva e Silva do Terceiro Ano do Ensino Médio. Parte das informações que compõem esse texto foram coletados no sítio do **Museu Afro-Brasil**, disponível para consulta em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/historia-e-memoria/2014/07/17/juliano-moreira>. (Acesso em: 19 out. 2023).

filho de Galdina, empregada doméstica, e do português Manoel, funcionário municipal, que



Figura 9: Juliano Moreira com 23 anos.

Fonte: Reprodução. SANTOS, Ynaê Lopes dos. Juliano Moreira: o médico negro na fundação da psiquiatria brasileira. Niterói: Eduff, 2020, p. 43

rejeitou o filho no início. Vale lembrar que a Lei Áurea só viria a ser estabelecida em 1888, portanto Juliano nasceu, ainda no período da escravidão, mas livre.²⁰

“Juliano era filho do português Manoel do Carmo Moreira Júnior, que só reconheceu a paternidade do jovem depois da sua viuvez. Inspetor da iluminação pública de Salvador, Manoel manteve uma relação distante com o filho, e a falta de informações impede de compreender que tipo de influência ele teria exercido na vida de Juliano Moreira, segundo informações de sua biógrafa Ynaê Lopes dos Santos.

Juliano Moreira era de família pobre, sem privilégios, e sem condições de ingressar em uma faculdade. No entanto, com a ajuda do seu padrinho, aos quatorze anos ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia e com dezenove anos, já estava formado e era um dos primeiros médicos negros do país, segundo a Academia Brasileira de Ciências.

Então começava a carreira de Moreira, que viria a ser considerado o fundador da disciplina psiquiátrica no Brasil. Moreira é um dos grandes nomes de estudiosos negros relevantes na história do Brasil e que muitas vezes são apagados de currículos escolares, em um exemplo de como a educação brasileira acentua desigualdade racial e dá menos atenção a heróis negros em diversas áreas.



Figura 10: Juliano Moreira, já senhor.

Fonte: Reprodução. SANTOS, Ynaê Lopes dos. Juliano Moreira: o médico negro na fundação da psiquiatria brasileira. Niterói: Eduff, 2020, p. 121

Cinco anos depois de formado, Juliano Moreira tornou-se professor de psiquiatria na Faculdade de Medicina da Bahia, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Além da luta contra teses racistas que relacionavam a miscigenação a doenças mentais no Brasil, Moreira também é reconhecido por humanizar o tratamento de pacientes psiquiátricos.

²⁰ A Lei do Ventre Livre foi uma das precursoras da Lei Áurea, a norma determinou que, de 28 de setembro de 1871 em diante as mulheres escravizadas dariam à luz apenas bebês livres.

Em 1903, assumiu a direção do Hospício Nacional de Alienados, no Rio de Janeiro, onde aboliu o uso de camisas de força, retirou grades de todas as janelas e separou pacientes adultos de crianças.



Figura 11: Juliano Moreira ao lado de Albert Einstein

Fonte: Reprodução. Única fotografia que registra o encontro de Juliano Moreira com Albert Einstein (1925) / Fonte: Jornal do Brasil (6 mai. 1925, p. 1)

A Academia Brasileira de Ciências aponta que, graças aos esforços de Juliano Moreira, foi aprovada uma lei federal para garantir assistência médica e legal a doentes psiquiátricos. Ele também foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal e da Academia Brasileira de Ciências, em 1907 no Rio de Janeiro, da qual foi presidente.

Quando era vice-presidente da Academia Brasileira de Ciências, Moreira recebeu o físico e teórico alemão Albert Einstein em sua primeira visita ao Brasil. Durante sua carreira também participou de muitos congressos médicos e representou o Brasil no exterior - na Europa e no Japão.

Ele morreu em 1933, em Petrópolis, depois de ser internado para tratamento de tuberculose. Após seu falecimento, um hospital psiquiátrico na Bahia foi batizado como Hospital Juliano Moreira. “Juliano Moreira não era apenas excepcional: ele era extraordinário”, é dessa maneira que a historiadora Ynaê Lopes dos Santos, especialista nos estudos do Pós-abolição, se refere ao genial Juliano Moreira (Santos, 2020, p. 124).

Para pensar historicamente!

Juliano Moreira dominava o alemão, e era estudado nas obras de Freud. Vale observar que naquela época, era proibido que pessoas escravizadas tivessem acesso aos bancos escolares, de acordo com a Constituição de 1824, no entanto, a mesma lei não se aplicava a pessoas libertas e livres como era o caso de Juliano Moreira.

2.9 Lima Barreto (1881 – 1922)²¹

²¹ As informações sobre o escritor Lima Barreto foram pesquisadas pela aluna do Terceiro Ano Amanda Alana Macedo Soares e foram coletadas em: **Lima Barreto, um brasileiroíssimo polêmico (e ousado) na crítica da vida social**. Universidade metodista de São Paulo. Disponível para consulta em: <http://portal.metodista.br/mutirao-do-brasileirismo/cartografia/verbetes/america-do-sul/lima-barreto>. Acesso em: 10 nov. 2023.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro em 13 de maio de 1881, filho do tipógrafo e almoxarife João Henriques de Lima Barreto e da professora Amália Augusta Barreto. De origem humilde, a família de João Henriques logo se desestruturou com a morte da esposa vítima de tuberculose, aos 35 anos de idade, deixando quatro filhos pequenos, sendo o mais velho (Afonso) com apenas 7 anos. A morte da mãe deixou marcas na família, que ficou sob cuidados do pai, também responsável pela sobrevivência financeira de todos. O tipógrafo da Imprensa Nacional (pai do Lima Barreto) precisou dobrar expediente.

Das memórias da infância, além da perda da mãe, Lima Barreto destaca, mais tarde, ter acompanhado a abolição da escravatura (no dia do próprio aniversário, em 13/05/1888). Levado pelo pai, Afonso assistiu ao ato de assinatura no Largo do Paço e foi à missa no campo de São Cristóvão.” Fazia sol e o dia estava claro. Jamais, na minha vida, vi tanta alegria. Era geral, era total; e os dias que se seguiram, dias de folgança e satisfação, deram-me uma visão da vida inteiramente festa e harmonia”, escreveu.

Afonso Henriques de Lima Barreto entra na Escola Politécnica do Rio de Janeiro aos 16 anos (março/1897). E foi lá que, em 1902, Afonso tornou-se colaborador *d’A Lanterna*,



Figura 12: Lima Barreto

Fonte:

<http://www.letras.ufmg.br/literafr/ autores/450-lima-barreto>. Acesso em: 05 nov. 2023

“periódico de ciências, letras, artes, indústrias e esportes”, jornal estudantil, que também se apresentava como “órgão oficioso da mocidade de nossas escolas superiores”. É neste impresso que Lima Barreto publica os primeiros textos. As crônicas publicadas, ali, já revelam a ironia nas descrições de ambientes e perfis de colegas ou professores da faculdade.

É o racismo, contudo, que marca a projeção identitária de Lima Barreto, já nos tempos da Politécnica. A desigualdade social, que atravessa a história do Brasil, também marca a trajetória de vida de Lima Barreto. O próprio autor expressa tal percepção no *Diário Íntimo*: “é triste não ser branco”. Algumas cenas de discriminação registradas pela personagem Isaías Caminha, ao que tudo indica, são registros (auto)biográficos da juventude de Afonso. “Pretinho ou mulatinho ‘doíam mais que uma bofetada’, diz Caminha”.

Em 1903, prestes a novas reprovações, que o levam a abandonar a Politécnica, Lima Barreto colaborou com outros periódicos que surgiram e, alguns rapidamente desaparecem, no início do século: *A Quinzena Alegre*, *Tagarela*, *O Diabo*, *Revista da Época*, dentre outros.

Em 1903, Afonso assume o cargo de amanuense na diretoria de expediente da Secretaria da Guerra, o que vai aliviar os problemas financeiros e possibilitar que o escritor tenha mais tempo para avançar na criação literária. Com um expediente comercial, entre as 10 e 15 horas diárias, Afonso Barreto passa a contar com um tempo disponível para traduzir em palavras as percepções cotidianas da vida, do trabalho e da cidade, que pulsa a recente transição da monarquia ao prometido regime republicano.

No ano seguinte, 1904, Lima Barreto começou a escrever *Clara dos Anjos* e, em 1905, passou a colaborar no *Correio da Manhã*, com a série de reportagens publicadas a partir de 28 de abril de 1905, sob o título “Os subterrâneos do morro do Castelo”. Os anos seguintes foram de contínua produção literária, com Recordações do escrívão Isaías Caminha (1907-09), Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá (1906/07), bem como em colaborações a outros periódicos (*Fon-Fon*, *Floreal*, *Papão*, *O Riso*, *A Careta*, dentre outros). E, em 1911, publicou *Triste fim de Policarpo Quaresma*, em capítulos, na edição vespertina do *Jornal do Commercio*. Três anos depois, publicou, em folhetins, *Numa e a ninfa*, no jornal *A Noite*, obra que, mais tarde, também ganhou versão em livro.

Lima Barreto em militância e envolvimento direto em causas sociais coletivas, Lima Barreto registrou uma trajetória coerente e politicamente independente. É deste modo que, em 1918, o escritor publicou artigo na revista *Brás Cubas*, onde expressava simpatia pela revolução russa: “não posso esconder o desejo de ver um movimento semelhante aqui”, dizia Lima Barreto.

Os primeiros anos de 1900, no Rio de Janeiro, marcaram a “modernização urbana”, da reforma proposta (ou imposta) pelo prefeito Pereira Passos, período em que surgiram os bondes elétricos. Na esteira de reformas urbanas, lançadas nas principais cidades europeias, os administradores da capital federal buscavam uma modernidade “verde amarela”. Em meio à proliferação de cafés, confeitarias, lançamento de periódicos, que tentavam polemizar temas latentes, o Rio de Janeiro registrou, no início do século XX, uma população estimada em 700 mil habitantes, de acordo com indicadores da época.

Neste ambiente, onde o café tornou-se referência geográfica para drinks e diálogos intelectuais, Afonso Henriques vislumbrou um desafiante papel de escritor e cronista do cotidiano. A aposta no jornalismo, mais que uma paixão pela expressão literária, era uma expectativa de sobrevivência, capaz de projetá-lo, simultaneamente, à condição de escritor, social e politicamente reconhecido pelos seus pares. Afinal, era preciso, também, pensar condições de contribuir nas despesas familiares, ciente das dificuldades que marcavam a história e vida do pai e irmãos.

Entre a busca de melhores condições de vida e os desafios da escrita, Afonso Henriques conciliou, por longos anos, e variadas situações, o expediente na secretaria de guerra e as passagens por jornais do Rio de Janeiro. Nesse meio cultivou e alimentou o vício do bar, atraído pelo clima boêmio da intelectualidade, o que, em poucos anos, contribuiu para a depressão e o estado de saúde, que fragilizam a vida do escritor.

Angustiado pela percepção das contradições da vida social, Afonso Henriques traduziu, em diferentes momentos e textos, as escolhas e identificações humanas. O reconhecimento da pobreza econômica, entretanto, não o confortava e tampouco acomodava na resignação.

Frente a eventuais deboches, gestos de desprezo ou discriminação, observados por Lima Barreto, tinham como resposta mais frequente a ironia. Daí porque a ironia como recurso estilístico pode ser encontrada em inúmeras passagens, crônicas ou romances do escritor. A ironia contribui, assim, a expressar a crítica social em frequentes produções literárias. E, como se sabe, a ironia é um recurso mais facilmente instrumentalizado por pessoas dotadas de sensibilidade e percepção criativa, capazes de simplificar a crítica a situações aparentemente complexas da vida social.

A crítica ao jornalismo provinciano, que perde a dimensão social da pluralidade e relevância de problemas coletivos, aparece em diversos momentos e, inclusive, nas principais obras de Lima Barreto. Em *Gonzaga de Sá*, tais críticas atravessam a criação, beirando a similaridade com atores reais. Em *Nova Califórnia*, por exemplo, a personagem Capitão Pelino é apresentada como “mestre-escola e redator da *Gazeta de Tubiacanga*, órgão local e filiado ao partido situacionista”. E, pois, corresponsável pela manutenção da ordem, moralidade e organização social, capaz de “contribuir” com as moralidades situacionistas.

O livro “*Triste fim de Policarpo Quaresma*” consiste em uma criativa e metafórica representação de hábitos moralistas e conservadores de alguns setores da população do Rio de Janeiro da época. Patriota, a personagem principal, sentia-se intelectual e, inclusive, pretendia “salvar” o país. Ingênuo, morreu também pelas crenças e convicções diante de uma realidade atravessada pela ambição, injustiças e práticas de corrupção. Nesta perspectiva, a obra dialoga com o jornalismo literário que marca a criação cultural na imprensa brasileira do início do século XX.

Na avaliação de Nicolau Sevcenko, “a função crítica, combatente e ativista ressalta por demais evidente dos textos de Lima Barreto”. Na mesma perspectiva,

[...] o temário de sua obra inclui: movimentos históricos, relações sociais e raciais, transformações sociais, políticas, econômicas e culturais; ideais sociais, políticos e econômicos; crítica social, moral e cultural; discussões filosóficas e científicas, referências ao presente imediato, recente e ao futuro próximo; ao cotidiano urbano e suburbano, à política nacional e internacional, à burocracia, dados biográficos, realidade do sertão, descrições geológicas e geográficas (fragmentos) e análises históricas. (Sevcenko, 1999, p. 162)

Pode-se dizer, em certos aspectos, que a resistência ou indiferença de setores intelectuais da época às produções de Lima Barreto deve-se à crítica, ousada e irreverente, que o escritor apresenta, onde também eram facilmente identificados atores reais que, nas palavras do escritor, ganhavam versões caricaturais, em geral, depreciativas.

Assim, enquanto alguns se afastaram por temer passar às páginas pelo texto de Lima Barreto, outros silenciaram por suposta solidariedade com a força da ironia descritiva, ao mesmo tempo em que, outros muitos, provavelmente tentaram se manter distantes por não concordar com as percepções, mas possivelmente ainda por adesão conveniente aos viciados círculos da *intelligentsia*, em geral temerosos aos conflitos intelectuais que tendem a gerar polêmicas e tirar da zona de conforto qualquer ator em condições de ver, ler e perceber a cidade de um modo crítico e independente.

Lima Barreto não se deixou silenciar e tampouco passar batido na então capital federal, que ainda muito se ressentia das heranças do regime escravista, colonialista e hegemônico de séculos de colonialismo. Pelas análises de Schwarcz (2021, p. 333-334), ele foi um sujeito do seu tempo, desses que se tornam testemunhas, mas igualmente artífices do período que lhes foi dado viver. A República que viu nascer também não era aquela dos seus sonhos. Virou, nos seus termos, autoritária, racista, estrangeirada e, sobretudo, profundamente injusta.

Lima Barreto faleceu, um intelectual que sempre deixou clara a sua cor, sua origem, condição social e sempre demonstrou descontentamento com as injustiças anotando nos seus cadernos e tecendo duras críticas sociais, faleceu em 1º de novembro de 1922.

2.10 Machado de Assis (1839 – 1908)²²

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu na Chácara do Livramento no Rio de Janeiro, no dia 21 de junho de 1839. Foi o primeiro filho de um homem negro, Francisco José de Assis, um pintor e decorador de paredes, e da imigrante portuguesa Maria Leopoldina. Machado de Assis passou sua infância e adolescência no bairro do Livramento. Seus pais viviam na chácara do falecido senador Bento Barroso Pereira e sua mãe era a protegida da dona da casa, D. Maria José Pereira.

Machado fez seus primeiros estudos na escola pública do bairro de São Cristóvão. Tornou-se amigo do padre Silveira Sarmiento, o ajudava nas missas e familiarizava-se com o latim. Quando tinha dez anos perdeu sua mãe. Seu pai resolveu sair da chácara e foi morar em São Cristóvão com Maria Inês da Silva, vindo a casar-se em 1854.



Figura 13: Figura 07: Machado de Assis

Fonte:

<https://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia>. Acesso em: 05 nov. 2023

Sua madrasta trabalhava como doceira em uma escola e levava o enteado para assistir algumas aulas. À noite, Machado ia para uma padaria, local onde aprendia francês com o forneiro. À luz de velas, Machado lia tudo que passava em suas mãos e já escrevia suas primeiras poesias. Além do latim e do francês, também aprendeu inglês, o que permitia ler diversos autores nas suas línguas de origem.

Em busca de um emprego, para ajudar nas despesas de casa, com 15 anos, Machado conheceu Francisco de Paula Brito, dono da livraria, do jornal e da tipografia da cidade. Daí por diante, Machado não parou de escrever na *Marmota* e de fazer amizades com os políticos e literatos, frequentadores da livraria, onde o assunto principal era a poesia.

Em 1856, Machadinho, como era conhecido, entrou para a Imprensa Oficial como aprendiz de tipógrafo, mas além de mau funcionário, escondia-se para ler tudo que lhe interessava. O diretor decidiu incentivar o jovem e o apresentou a três importantes jornalistas: Francisco Otaviano, Pedro Luís e Quintino Bocaiuva. Otaviano e Pedro dirigiam o *Correio-Mercantil* e para lá foi Machado de Assis, em

²² As informações sobre o escritor Machado de Assis foram coletadas em https://www.ebiografia.com/machado_assis/; E também em: <https://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia> (Acesso em: 05 nov. 2023)

1858, como revisor de provas. Colaborava também para outros jornais. Estreou como crítico teatral na revista “Espelho”.

Com 20 anos, Machado de Assis já frequentava os círculos literários e jornalísticos do Rio de Janeiro, capital política e artística do Império. Em 1860, Machado de Assis foi chamado por Quintino Bocaiúva para trabalhar na redação do *Diário do Rio de Janeiro*. Além de escrever sobre todos os assuntos e manter uma coluna de crítica literária, Machado tornou-se representante do jornal no Senado.

De acordo com a historiadora Ynaê Lopes dos Santos (2020, p. 272), tendo vivido praticamente toda a sua vida no Rio de Janeiro, Machado de Assis morreu no dia 29 de setembro de 1908, no Bairro Cosme Velho. A obra de Machado de Assis abrange, praticamente, todos os gêneros literários.

Na poesia, inicia com o romantismo de *Crisálidas* (1864) e *Falenas* (1870), passando pelo indianismo em *Americanas* (1875), e o parnasianismo em *Ocidentais* (1901). Paralelamente, apareciam as coletâneas de *Contos fluminenses* (1870) e *Histórias da meia-noite* (1873); os romances *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878), considerados como pertencentes ao seu período romântico.

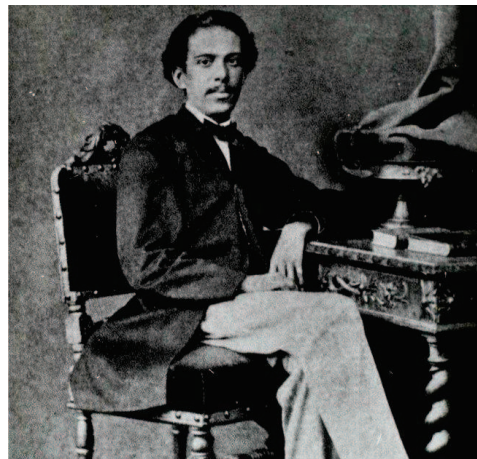


Figura 14: Machado de Assis aos 20 anos
Fonte: Reprodução.
<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cl7xvyz1eyro>. Acesso em: 05 nov. 2023.

Importante!

“Machado de Assis é considerado um dos maiores talentos literários brasileiros de todos os tempos” (Gomes; Munanga, 2016, p. 214).

Para pensar historicamente!

Vejamos esta matéria publicada na revista *Aventura na História*, intitulada “Machado de Assis: o grave erro com a imagem do maior escritor da História do Brasil: retratado erroneamente por séculos, o autor que é neto de africanos alforriados já foi visto como branco”:²³

²³ A matéria “Machado de Assis: o grave erro com a imagem do maior escritor da História do Brasil: retratado erroneamente por séculos, o autor que é neto de africanos alforriados já foi visto como branco” foi publicada na Revista *Aventuras na História* em 19/03/2021. Disponível para consulta em <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/machado-de-assis-conheca-o-grande-erro-de-seculos-com-a-imagem-do-bruxo-do-cosme-velho.phtml> (Acesso em: 05 nov. 2023)

No ano passado, a Faro Editorial surpreendeu os brasileiros diante da publicação da obra *O homem que odiava Machado de Assis*, de José Almeida Júnior, que já venceu o prêmio Sesc de literatura. O livro se destacou, entre as outras obras já lançadas sobre o gênio brasileiro. Além de misturar história e ficção em torno de um dos maiores nomes da literatura, o exemplar apresentou a primeira imagem de Machado de Assis negro em sua capa. “Quando tomei conhecimento da campanha Machado de Assis real, promovida pela faculdade Zumbi dos Palmares, a capa de meu livro já estava na gráfica. Machado de Assis era mestiço, bisneto de escravos, mas sofreu um processo de embranquecimento ao longo do tempo”, revelou Almeida. “Retratar o mais importante escritor brasileiro como negro é uma correção histórica, que garante às novas gerações conhecer o Machado de Assis real. Devido à importância da campanha, a editora interrompeu o processo de produção do livro e alterou a foto de Machado de Assis na capa.” Acontece que, por mais que muita gente lembre Machado como branco, e tenha se convencido a representá-lo assim, muito se debate sobre o tema e a maioria das falas conceituadas afirmam que o escritor era preto, inclusive de pele retinta. O obituário do escritor, que faleceu em 1908, o classifica como “branco”, enquanto sua máscara mortuária possui claros traços que se associam a características de afro-brasileiros. Depois, com a fama do autor e disseminação de obras durante a República Velha, sua imagem foi reproduzida de maneira embranquecida. “O maior escritor da literatura brasileira era um homem negro”, reiterou Ana Flávia Magalhães Pinto. A batalha narrativa pela representação da cor de Machado tem grande peso, principalmente por incluir entre os fatores a forte herança do racismo do século XX. Por anos, o tema foi tratado como menor, até que, em 1957, o escritor Rubens Magalhães Jr, divulgou uma fotografia polêmica que teria sido feita no final da vida de Machado. Descrita como “sem retoques”, ela mostra o autor com pele escura e traços africanos, o que chocou a muitos, pois era justamente aquela imagem utilizada insistentemente, branqueada, após edições de cor, como “prova” de que ele era um homem branco. Movimentos de pauta racial apegaram-se à questão e fizeram dela uma bandeira de respeito à ascendência cultural dos negros no Brasil. O embranquecimento de Machado de Assis, ofensivo, era uma forma de ignorar o papel dos afro-brasileiros na construção da literatura nacional (sendo que Machado é, com poucas ressalvas, o maior escritor de nossa história). O debate se acalorou, e a pauta dos movimentos negros se fortaleceu, finalmente, em 2018. Uma inédita fotografia de Machado de Assis foi encontrada pelo pesquisador Felipe Rissato. Ela estava numa edição de *Caras y Caretas*, uma revista argentina, e mostrava o autor de pé num jardim, sendo visível uma pele retinta e traços faciais negros. Isso apenas fortaleceu o argumento de que Machado era afro-brasileiro. “Não há texto ou registro algum de Machado em que ele diz ser branco. Ainda assim, por causa do nosso racismo institucional, a elite sempre fez de tudo para apresentá-lo como tal”, afirma o

pesquisador Eduardo de Assis ao portal Geledés²⁴. Mas, para ele, “esse é um debate que ainda vai durar por muitas gerações”. As representações de Machado como branco nunca cessaram, o que deu origem a um movimento virtual capitaneado pelo portal *machadodeassisreal.com.br*, que fornece ao público a mais famosa fotografia do escritor, colorizada e representando ele como preto, para que leitores substituam as imagens embranquecidas pela forma mais verossímil nos livros. A fotografia de *Caras y Caretas* foi, então, submetida a análise por parte do historiador Joaquim Marçal, curador da Brasilianas Fotográfica da Biblioteca Nacional. Para ele, as variações de luz do local dificultam uma resposta, pois há partes em que a pele parece mais clara que outras. Porém, ele concluiu pelos traços gerais que é possível afirmar que ele era um homem de pele escura, muito mais do que a maioria de seus retratos (Revista Aventuras na História em 19/03/2021, texto adaptado).

É importante lembrar que a obra inteira de Machado é composta de uma capacidade de crítica gigantesca, e seu principal alvo é o racismo e o escravismo da sociedade imperial. Com ironia e sarcasmo, ele retratou o encobrimento das relações senhoriais dessa mesma maneira: com a sutileza enganadora. Neto de africanos alforriados e filho de pardos, ele tinha conhecimento direto da vida infeliz da escravidão, e buscou a ascensão social (pois nascera numa área pobre do Rio de Janeiro) pela cultura erudita.

Por último, vale citar novamente a professora Magalhães Pinto (2021), que afirma que os esforços de retratar Machado como branco “demonstram como a violência racial tem organizado até mesmo as políticas de memória sobre a história do país e de sua gente. O embranquecimento de Machado é produto da apropriação da sua memória por parte de homens que o queriam branco, para legitimar um projeto de país em que pessoas negras seriam apenas resquícios de um passado que se queria esconder e quiçá esquecer”.

Proposta de Atividade!

01. Certamente você já ouviu falar e leu alguma das produções literárias de Machado de Assis. Você sabia que ele era negro? Seu professor de Literatura em algum momento mencionou essa informação? (Refleta e apresente seu argumento sobre essa informação. Ela é relevante? Por que?)

²⁴ **Portal Geledés.** Geledés Instituto da Mulher Negra. Fundada em 30 de abril de 1988, Geledés é uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negros por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigente na sociedade brasileira. Para mais informações sobre este importante portal ativo há 35 anos com muitas informações sobre a temática negra, acessar: <https://www.geledes.org.br/> (Acesso em: 05 nov. 2023)

02. Com base no texto, explique o interesse em embranquecer o maior escritor brasileiro? A quem interessava esse embranquecimento e por que?

2.11 Madame Satã (1900 – 1976)²⁵

Madame Satã é História. E História importante de ser contada. A artista nasceu 12 anos depois da assinatura da Lei Áurea, a tal que “libertou” para o abandono o povo preto. E com 7 anos de idade, foi trocado por uma égua, para garantir que seus dezesseis irmãos



Figura 15: Madame Satã

Fonte: <https://primeirosnegros.com/madame-sata-uma-travesti-artista-militante/>. Acesso em: 05 nov. 2023.

pudessem se alimentar – o pai morreu e a mãe, viúva, deram esta solução. Mas, quando foi trocado por uma égua, existia a promessa de que iria estudar e que seria bem cuidado.

Na realidade, o menino tornou-se escravizado em uma fazenda. Resolveu então fugir com dona Felicidade para o Rio de Janeiro, com a mulher que pelo nome indicava que o mundo iria sorrir. Doce engano. Ela também o transformou em uma espécie de escravizado doméstico em sua pensão. Lá trabalhou como faxineiro, carregador e fazia tudo mais que fosse ordenado.

O garoto fugiu novamente, então sozinho, tornando-se mais um menino preto de rua na capital da República, Rio de Janeiro. E, para viver, aprendeu a ser um malandro, ladrão, proxeneta, protetor de crianças abandonadas, artista (segundo suas próprias palavras). De acordo com os historiadores Flávio Gomes, Jaime Lauriano e Lilia Schwarcz (2021, p. 356), aos treze anos conquistou sua liberdade na marra. Foi vendedor ambulante, garçom, dormiu em caixas de feiras e sonhou ser artista.

²⁵ Parte das informações sobre o artista Madame Satã foram coletadas na reportagem “*Madame Satã, uma travesti artista militante: Carnaval, Gênero e Sexualidade, LGBTQIA+, Masculinidades negras*” da Revista Primeiros Negros, disponível para leitura em: <https://primeirosnegros.com/madame-sata-uma-travesti-artista-militante/>. (Acesso em: 10 nov. 2023). Para a construção deste texto também foi consultado: “Madame Satã”, em: GOMES, Flavio dos Santos; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Enciclopédia Negra: **Biografias afro-brasileiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 355-359.

De acordo com as pesquisas da jornalista e escritora Tânia Regina (2021), especialista nos estudos de Gênero e Sexualidade, na sua sede de vida, Madame Satã se defendia do mundo usando, principalmente, golpes de capoeira. E se saiu bem! Com sua identidade ambígua e fluida, não faz parte das estatísticas de negros mortos pela polícia – viveu até os 75 anos. Muitos dos vinte e sete anos e dez meses que passou na cadeia, contudo, têm a ver com a sua luta contra a violência policial e contra a homofobia – ele não aceitava apanhar da polícia nem ser “xingado de viado”.

Uma vez, ele teria dito:

“Essa mania da polícia chegar, bater e começar a fazer covardia, eu levantava e pedia a eles pra não fazer isso. Afinal de contas, se o sujeito estiver errado, eles que prendam, botem na cadeia, processem, tá certo. Agora, bater no meio da rua fica ridículo. Afinal, nós somos seres humanos” (O Pasquim, 1971).

João Francisco dos Santos era capoeira – outro crime “criado” em 1890 com o “fim” da escravidão – e também se apresentava como Benedita Itabajá da Silva, Josefa e se tratava por “minha pessoa” no lugar do “eu” – como conta o premiado *Madame Satã*, filme de ficção, inspirado em sua vida e que leva o seu nome, do cineasta cearense Karim Aïnouz, de 2002, com Lázaro Ramos, em início de carreira, no papel principal.

Este é um resumo da história de Madame Satã, nascido João Francisco dos Santos no dia 25 de fevereiro de 1900, “arquetipo da malandragem carioca, embora fosse pernambucano de Glória do Goitá, figura emblemática da vida noturna e marginal do Rio de Janeiro, que residia e frequentava a boemia da Lapa, sendo, na primeira metade do século XX, talvez seu personagem central” – como consta de matéria publicada no site da Fundação Palmares²⁶.



Figura 16: Lázaro Ramos interpretando Madame Satã no cinema em 2002.

Fonte: <https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/com-lazaro-ramos-no-elenco-filme-que-retrata-a-vida-de-madame-sata-e-exibido-em-presidente-prudente.ghtml>. Acesso em: 05 nov. 2023.

²⁶ Durante o Governo Bolsonaro (2019-2022), o nome de Madame Satã foi retirado da lista de personalidades negras homenageados pela Fundação Palmares, no entanto a justiça do Distrito Federal suspendeu o ato que determinava a exclusão do nome. É muito importante destacar que durante esse período o presidente desta respeitável fundação era o Sr. Sérgio Camargo, um homem negro controlado pelas políticas ideológicas da extrema direita racista e que compactuava com ideias como: “No Brasil não houve escravidão”, ou ainda “racismo é mimi”, manifestava-se contra as políticas de reparação histórica e um grande defensor da meritocracia em um país racista

A jornalista e escritora Tânia Regina (2021) assim define Madame Satã:

No meu olhar – que pode ser considerado romântico -, vejo um malandro, um cafetão que, como todos, é luz e sombra, vivia os extremos entre o bem e o mal: protegia prostitutas, adotava crianças – criou seis -, tinha sensibilidade de artista e a violência de quem mesmo livre foi abandonado, escravizado, enganado. Sentia uma raiva profunda, crescente, por saber-se sem direitos. Raiva que se misturava com o sonho de brilhar nos palcos, ser respeitado (Regina, 2021).

João, filho de Firmina dos Santos e Manoel Francisco dos Santos, o mais temido malandro da Lapa carioca, foi “batizado” artisticamente dentro de uma delegacia de polícia, quando tinha 38 anos e já vivia a condição de ex-detento. Estava preso por crime de vadiagem – criação do Código Penal, em 1890, no Pós-abolição, como estratégia de controle sobre corpos e práticas negras.

João foi detido com um grupo de travestis, recusando-se a dar seu nome, mas reconhecido como o vencedor do “concurso das bichas”. Imediatamente, o delegado associa sua fantasia ao filme “Madam Satan”, de Cecil B. DeMille (EUA, 1930), em cartaz na época, e o ficha como “Madame Satã”. Não demorou para a história espalhar-se pela cidade. E, em pouco tempo, o apelido foi integrado à lenda.

João já sonhava em ser artista, sonho que nasceu em seu coração aos vinte e dois anos, por conta da temporada no Rio de Janeiro da companhia francesa *Ba-ta-clan*, com seu teatro de revista. A aparição de estreia da primeira travesti artista do Brasil aconteceu no teatro Casa de Caboclo, na praça Tiradentes, em 1928, com *a Mulata do Balacochê* no espetáculo *Loucos*, em Copacabana.

E ele apareceu rebolando – inspirando-se na amiga Bituca, que se tornou conhecida como Carmem Miranda, em um número clássico de seu repertório, *Mulher de Besteira*. Queria ser a *Josephine Baker made in Brazil*, de quem se dizia “devoto”. Mas sua primeira prisão interrompeu a carreira que mal começava.

Sua identificação em um dos processos, com data de 12 de maio de 1932, dá a exata medida de quem ele era para a polícia:

como o Brasil. Para saber mais sobre a decisão da justiça do Distrito Federal que determinou que a entidade teria que reinserir os nomes de Benedita da Silva, Marina Silva e Madame Satã entre homenageados novamente, ver: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2021/03/18/justica-suspende-ato-da-fundacao-palmares-que-excluiu-personalidades-negras-de-lista.ghtml>. Acesso em: 10 nov. 2023.

“Desordeiro. Pederasta passivo. Usa suas sobranceiras raspadas e adota atitudes femininas, alterando até a própria voz. Não tem religião alguma. Fuma, joga e é dado ao vício da embriaguez. Sua instrução é rudimentar. É de pouca inteligência. Não gosta do convívio da sociedade por ver que esta o repele, dados seus vícios. É visto sempre entre pederastas, prostitutas, proxenetas e outras pessoas do mais baixo nível social. Ufana-se em possuir economia, mas como não afere proventos de trabalho digno, só podem ser essas economias fruto de atos repulsivos ou criminosos. Já responde vários processos e sempre que é ouvido em cartório provoca incidentes e agride funcionários da polícia. É indivíduo de temperamento calculado, propenso a crimes. Inteiramente nocivo à sociedade”²⁷

Os historiadores Flávio Gomes, Jaime Lauriano e Lília Schwarcz (2021, p. 357), observam que Madame Satã foi a primeira travesti artista do Brasil e numa época de repressão extrema a esse tipo de identidade de gênero.

Madame Satã morreu de câncer pulmonar em 12 de abril de 1976 – estava internado como indigente em um hospital público no Rio de Janeiro –, sem direito a manchetes nos jornais diários da cidade onde viveu. Pesava 46 quilos. Em seu enterro, um último desejo foi realizado: partir com seu chapéu panamá e com duas rosas vermelhas sobre o caixão. Ainda hoje, Madame Satã é referência, inspira e incomoda.

Seu nome artístico marcou toda uma geração paulistana, na década de 1980, com um “inferninho underground”, cena do rock na cidade, e em 2015, a escola de samba Portela a homenageou no desfile pelos 450 anos da cidade do Rio.

Curiosidade!

Madame Satã, antes de usar este nome, ainda como João Francisco dos Santos, conheceu e se tornou muito amigo de Maria do Carmo Miranda da Cunha, a quem chamava de Bituca e que, anos depois, se transformaria na cantora de nome internacional Carmen Miranda (1909-1955) – aliás, uma das principais inspirações para as performances que passaria a realizar.

Para pensar historicamente!

O cotidiano das classes populares, fosse esse dia a dia no interior do Brasil, como Belém do Pará, ou a capital da jovem República, o Rio de Janeiro, não era nada fácil. Agora imaginemos uma pessoa preta, pobre, analfabeta, sem profissão, filha de santo e travesti,

²⁷ Trecho de um dos processos instituídos contra Madame Satã citado pela jornalista e escritora Tânia Reginapor em “Primeiros Negros, Madame Satã, uma travesti artista militante”. Disponível em: <https://primeirosnegros.com/madame-sata-uma-travesti-artista-militante/>. Acesso em 05 nov. 2023.

tentando existir e (re)existir num Brasil escancaradamente racista e patriarcal das primeiras décadas do século XX. Será que essa condição experienciada por Madame Satã pode explicar as incontáveis vezes que foi presa por descabidas acusações da polícia?

Proposta de Atividades!

01. Madame Satã não tinha medo de viver a sua vida da forma que achava correta. Podemos entender à sua maneira de existir uma forma de resistência em um Brasil descaradamente racista e preconceituoso? Justifique sua resposta com trechos do texto.
02. Leia o item “*Para pensar historicamente*” e elabore um parágrafo expressando a sua opinião acerca daquela indagação. (Seu texto deve respeitar os Direitos Humanos)
03. Em 13 de junho de 2019, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu pela criminalização da *homofobia* e da *transfobia*, com a aplicação da Lei do Racismo (Lei 7.716/1989). Essa decisão foi considerada um marco na luta pela diversidade no Brasil. Realize uma pesquisa, e conceitue:
 - a) homofobia:
 - b) transfobia:
04. **Desafio:** Elabore um parágrafo utilizando as seguintes palavras: respeito, diversidade, convivência, igualdade e amor.
05. Madame Satã foi uma personagem difícil de classificar e se tornou uma figura tão emblemática quanto complexa. Em 2019 foi publicada “*As valentias de Madame Satã*” em poesia de cordel, pelo escritor Victor Alvim. Você pode baixar para leitura em: <https://www.capoeirahistory.com/wp-content/uploads/2019/09/Alvim-Cordel-Madame-Sata%CC%83-Completo2019.pdf>. Acesso em 10 nov. 2023.

2.12 Maria Firmina dos Reis (1822 – 1917)²⁸

São Luís, 11 de agosto de 1860. Logo nas primeiras páginas do jornal *A Moderação*, anunciava-se o lançamento do romance *Úrsula*, “original brasileiro”. O anúncio poderia passar despercebido, mas algo chamava atenção em suas últimas linhas: a autoria feminina da “Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis, professora pública em Guimarães”. Foi assim, por meio de

²⁸ As informações sobre a biografia de Maria Firmina dos Reis foram coletadas na Revista Cult, em: “*Quem foi Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista brasileira*”. Disponível para consulta em: <https://revistacult.uol.com.br/home/centenario-maria-firmina-dos-reis/> (Acesso em: 11 nov. 2023). E também em: DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura Afro-Brasileira: 100 autores do século XVII ao XXI*. Rio de Janeiro: Pallas, 2021, p. 54-58.

uma simples nota, que a cidade de São Luís conheceu Maria Firmina dos Reis –, considerada a primeira escritora brasileira, pioneira na crítica antiescravista da nossa literatura.

Negra, filha de mãe branca e pai negro, registrada sob o nome de um pai ilegítimo e nascida na Ilha de São Luís, no Maranhão, Maria Firmina dos Reis (1822 – 1917) fez de seu primeiro romance, *Úrsula* (1859), algo até então impensável: um instrumento de crítica à escravidão por meio da humanização de personagens escravizados.

“Em sua literatura, os escravos são nobres e generosos. Estão em pé de igualdade



Figura 17: Maria Firmina dos Reis

Fonte: <https://mondru.com/book-author/maria-firmina-dos-reis/>. Acesso em: 05 nov. 2023

com os brancos e, quando a autora dá voz a eles, deixa que eles mesmos contem suas tragédias. O que já é um salto imenso em relação a outros textos abolicionistas”, conta a professora Régia Agostinho da Silva, autora do artigo “A mente, essa ninguém pode escravizar: Maria Firmina dos Reis e a escrita feita por mulheres no Maranhão”.

Além de ter se lançado em um gênero literário sem precedentes no Brasil – e dado as diretrizes para os romances abolicionistas que apareceriam apenas décadas depois, Firmina foi a primeira mulher a ser aprovada em um concurso público no Maranhão para o cargo de professora de primeiras letras. Com o próprio salário, sustentava-se sozinha em uma época em que isso era incomum e até malvisto para mulheres. Oito anos antes da Lei Áurea, criou a primeira escola mista para meninos e

meninas – que não chegou a durar três anos, tamanho escândalo que causou na cidade de Maçaricó, em Guimarães, onde foi aberta.

Curiosidade!

Aos 22 anos, Maria Firmina dos Reis foi aprovada em concurso público para a cadeira de Instrução Primária na cidade de Guimarães, Maranhão. Depois de aposentada, na década de 1880, ela criou a primeira escola mista gratuita do Brasil.

Esquecida por décadas, sua obra só foi recuperada em 1962 pelo historiador paraibano Horácio de Almeida, em um sebo no Rio de Janeiro – e, hoje, até seu rosto verdadeiro é desconhecido. Nos registros oficiais da Câmara dos Vereadores de Guimarães está uma gravura com a face de uma mulher branca, retrato inspirado na imagem de uma escritora gaúcha,

com quem Firmina foi confundida na época. O busto da escritora no Museu Histórico do Maranhão também a retrata “embranquecida”, de nariz fino e cabelos lisos.

O contato de Firmina com a literatura começou cedo, em 1830, quando mudou-se para a casa de uma tia com melhores condições na vila de São José de Guimarães. Aos poucos, a jovem travou contato com referências culturais e com outros de seus parentes ligados ao meio cultural, como Sotero dos Reis, um popular gramático da época. Foi daí, e do autodidatismo, que veio o gosto pelas letras.

Quando se tornou professora, em 1847, Firmina já tinha uma postura antiescravista bem desenvolvida e articulada. Ao ser aprovada no concurso para professora, recusou-se a andar em um palanque desfilando pela cidade de São Luís nas costas de escravos. Silva (2017) afirma que na ocasião, Firmina teria afirmado que "escravos não eram bichos para levar pessoas montadas neles".

Mas era praticamente impossível para uma mulher expor sua opinião contra a escravidão – ainda mais uma mulher negra. Foi a estabilidade e o respeito alcançados como professora que abriram espaço para Firmina lançar seu primeiro livro, o romance *Úrsula*, no qual enfim publicaria seu ponto de vista sobre o tema.

Diferente dos escritos de mulheres da época, o romance não era “de perfumaria”, nem algo sem profundidade. Ao contrário: foi o primeiro livro brasileiro a se posicionar contra a escravidão e a partir do ponto de vista dos escravizados – antes até de *Navio Negreiro*, de Castro Alves (1880), e de *A Escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães.

Em *Úrsula*, Firmina faz questão de mostrar a crueldade de Fernando, senhor de escravos e vilão da história. Mas segundo Silva (2017) “a pérola do livro é a personagem Suzana, uma mulher escravizada que, frequentemente, recorda-se de sua época de liberdade”. Para a estudiosa Régia Agostinho da Silva (2017), a forma é bastante característica de Firmina: “O escravo firminiano é, antes de tudo, aquele que fala da África, que só reconhece a verdadeira liberdade, no tempo em que vivia naquela África saudosa e nostálgica”.

Anos depois, quando já se firmara como escritora e professora – e quando o movimento abolicionista já estava mais difundido no Brasil -, a autora publicaria um conto



Figura 18: Fac-símile da página 107 de *Úrsula* em quadrinho

Fonte: *Úrsula de Maria Firmina dos reis: uma história em quadrinho* de Rom Freire e Ronilson Freire. São Luis, MA: Sete Cores, 2022, p. 107.

ainda mais crítico, *A escrava* (1887), que conta a história de uma mulher de classe alta sem nome que tenta, sem sucesso, salvar uma mulher escravizada.

Para Régia Agostinho da Silva (2017), “Os tempos eram outros”. Em 1887, a escravidão era questionada no país inteiro. Em 1859, Maria Firmina dos Reis teve que usar um tom mais brando em seu romance, pois queria conquistar os leitores para a causa antiescravista. Leitores que, na sua imensa maioria, eram da elite e provavelmente tinham escravos”.

Com o passar dos anos, tendo apenas um livro publicado, o nome de Firmina desapareceu. Para Silva (2017), a insistência da autora em denunciar e criticar a escravidão pode ter sido a causa do obscurantismo. “O assunto de que tratava era insalubre demais, uma fala antiescravista em uma das províncias mais escravistas do Brasil. Não a levaram a sério localmente, não queriam ouvi-la falando. E ela não teve como levar seu texto para outros lugares.”

Maria Firmina dos Reis faleceu em 1917. Ao longo de seus 92 anos de vida, teve participação relevante como mulher de letras e cidadã voltada para o amparo dos humildes. Dedicou toda sua vida a educar e a promover a cultura e a cidadania.

Pouco se sabe sobre outros possíveis textos de Firmina, sobre os detalhes de sua vida ou sobre como uma mulher negra de origem pobre alcançou tanto sucesso em pleno regime escravocrata. A própria biografia de Firmina, escrita por José Nascimento Morais Filho em 1975, tem como título “*Maria Firmina: fragmentos de uma vida*”.

Proposta de Atividades!

01. A imagem que ilustra o texto sobre a professora Maria Firmina dos Reis é apenas uma referência. Não sabemos como era seu rosto, mas certamente não parecia nada com o busto que a representa no Museu Histórico do Maranhão. Elabore um parágrafo apresentando uma reflexão crítica sobre o apagamento das mulheres negras no Brasil do final do século XIX e início do XX. (Pense, por exemplo, a quem interessava esse apagamento e o silenciamento de mulheres como Maria Firmino dos Reis).
02. De acordo com o texto, por que afirmar que Maria Firmina dos Reis pode ser considerada a primeira escritora brasileira, a pioneira na crítica antiescravista da nossa literatura? (Justifique sua resposta com trechos do texto)
03. Realize uma pesquisa e relacione pelo menos 10 escritoras negras brasileiras. Não esqueça de mencionar suas obras. Selecione uma dessas e apresente aos seus colegas de classe.
04. Faça uma visita à biblioteca da sua escola e realize um levantamento de quantos autores negros compõem o acervo bibliográfico. Há muitos ou poucos?

Atividade Interdisciplinar: História e Língua portuguesa

Que tal organizar um “*Café Literário*” com seus colegas e professores para conversar sobre a importância de ler autoras e autores negros?

2.13 Mestre Bimba (1900 – 1974)²⁹

Manuel dos Reis Machado, mais conhecido como Mestre Bimba, foi o maior



Figura 19: Mestre Bimba

Fonte: <https://papoeira.com/pt/os-primeiros-anos-do-mestre-bimba/>. Acesso em: 05 nov. 2023.

precursor da capoeira regional. Nasceu em 1890, em Salvador, na Bahia, e seus primeiros passos na capoeira ocorreram num período crítico, em que a arte era proibida. Ele incorporou na capoeira o batuque e a denominou Luta Regional Baiana para driblar a proibição, que vinha desde o tempo do Império.

É importante destacar que a prática da capoeira, durante muito tempo, desde a época do Império, foi vista pelas elites como algo perigoso e associada às classes inferiores e selvagens. Vejamos o que dizem os historiadores Antônio Liberac Cardoso Simões Pires e Carlos Eugênio Líbano Soares sobre a perseguição aos capoeiras durante a Primeira República (1889-1930):

O grande marco histórico da prática da capoeira no período republicano foi sua entrada no Código Penal de 1890. O artigo 402 proibia que se fizessem nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação de “capoeiragem”, e ainda incluía agravantes no caso de os praticantes portarem armas, ou andarem em correria promovendo tumulto ou desordem. O artigo visava aniquilar as maltas de capoeira, e teve efeitos terríveis. Entre 1890 e 1938 foram encontrados cerca de 560 processos-crimes no artigo 402, no Rio, além de registros em fontes jornalísticas, policiais, literárias, iconográficas, e da farta documentação judiciária. Para outras partes do Brasil republicano, como Bahia,

²⁹ As principais referências sobre a vida de Mestre Bimba foram retiradas da Revista Raça, Reportagem sobre “**O maior precursor da capoeira regional**”, publicada em 30 de outubro de 2016. Disponível para consulta em: <https://revistaraca.com.br/o-precursor-da-capoeira/> (Acesso em: 06 nov. 2023)

Pernambuco, Maranhão e Belém do Pará, a aplicação do artigo aparece de forma insignificante, ou nem aparece. Nesses locais a capoeira foi registrada, principalmente, nos jornais da época e na produção literária (Pires; Soares, 2018, p. 140-141).

Outra observação importante é que para justificar a prisão dos praticantes de capoeira, isso acontecia em Belém do Pará também, argumentava-se que esses brincantes eram desocupados e vagabundos. A maioria dos processados pelo ato da capoeiragem eram homens (mas também havia mulheres) na faixa etária entre quinze e quarenta anos e trabalhavam como: artesãos, domésticos, funcionários públicos, do comércio e, em grande parte, trabalhadores nas ruas. Podemos encontrar açougueiros, barbeiros, carpinteiros, carroceiros, marceneiros, cigarreiros, cocheiros, jornaleiros, remador, pescador, e muitos estivadores do cais do porto, local de prática da capoeira, do samba, do jongo e de outras atividades relacionadas à cultura negra, como observou o historiador Carlos Eugênio Líbano Soares (1998).

Mestre Bimba conheceu a Capoeira aos doze anos quando iniciou o curso que durou quatro anos e o método era da Capoeira antiga, a mesma que ele ensinou por 10 anos. O local das aulas era conhecido como Clube União em Apuros, no bairro da Liberdade. Com a Capoeira reconhecida como esporte nacional, Mestre Bimba foi reconhecido pela Secretaria de Educação e Assistência Pública do Estado da Bahia como Professor de Educação Física.

Personalidade da vida política e social, desfrutava de companhias ilustres como o governador da Bahia na época, Dr. Joaquim de Araújo Lima. No ano de 1929, com grande sabedoria, ele desenvolveu um estilo diferente da Capoeira Angola, fazendo a junção do batuque com a Capoeira. Com essa inovação, surgiu a Capoeira Regional.

Naquela época, a graduação era caracterizada por lenços. Em 1932, ele fundou sua primeira academia no bairro do Engenho Velho de Brotas. Oficialmente sua academia foi a primeira a ter alvará de funcionamento, em 1937. No mesmo ano, fez sua primeira apresentação para o interventor, o general Juraci Magalhães, na presença de autoridades civis, militares entre outros convidados ilustres. Em 1939, Mestre Bimba ensinou Capoeira no Quartel do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR).

Em 1942, instalou sua segunda academia. Em 1953, Mestre Bimba se apresentou para o presidente Getúlio Vargas e este declarou a Capoeira como o único esporte verdadeiramente nacional. “A capoeira é o único esporte verdadeiramente nacional”, disse Getúlio Vargas, em 1953, ao presenciar a apresentação de Mestre Bimba. A academia de Bimba foi uma das primeiras instituições a ensinar capoeira de forma sistematizada, e seu método de ensino ajudou a padronizar e profissionalizar a arte.

Mestre Bimba formou muitos capoeiristas renomados que se espalharam por todo o Brasil e pelo mundo, difundindo a capoeira e contribuindo para sua valorização como arte e esporte. Ele morreu em 17 de fevereiro de 1974, deixando uma marca indelével na história da capoeira e na cultura brasileira. Sua importância foi reconhecida pelo governo brasileiro, que



Figura 20: Mestre Bimba e o Presidente Getúlio Vargas

Fonte: Reprodução. Capoeira Regional. A escola de Mestre Bimba, EDUFBA. (FTD, 2016, p. 121)

lhe concedeu o título de “Beneficiário da Cultura”, em 1971.

Proposta de Atividades!

01. Elabore um parágrafo destacando como a capoeira se configura como uma manifestação cultural afro-brasileira de resistência e identidade.
02. Relacione os principais obstáculos dos capoeiristas nas primeiras décadas da República.
03. Retire do texto elementos que comprovem a importância de Mestre Bimba no reconhecimento da capoeira como esporte.

2.14 Mestre Verequete (1916 – 2009)³⁰



Figura 21: Mestre Verequete

Fonte:

<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/08/centenario-de-mestre-verequete-e-celebrado-com-carimbo-e-exposicao.html>. Acesso em: 05 nov. 2023

Augusto Gomes Rodrigues, mais conhecido como Mestre Verequete, foi um músico brasileiro, cantor e compositor de músicas no gênero e ritmo paraense **carimbó**, com o grupo *O Uirapuru*. Também chamado de “Rei do Carimbó”, disputando o título com Pinduca, outro cantor e compositor do estado do Pará. Mestre Verequete nasceu em 1916, numa área próxima às fronteiras do Pará com o Maranhão, região de Quatipuru, nas vizinhanças de Bragança e Viseu, conhecidas desde

³⁰ As informações sobre o Mestre Verequete e o carimbó foram coletadas em: GOMES, Flavio dos Santos; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Enciclopédia Negra: Biografias afro-brasileiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 437-438.

o século XVIII por contar com a presença e circulação de indígenas e quilombolas.

Acompanhado por violas e instrumentos de percussão chamados maracás, o carimbó, presente já no século XIX, chegou a ser reprimido, considerado “Festa de preto”. Em Belém, segundo determinações municipais de 1880, era proibido “fazer batuques ou sambas”, assim como “tocar tambor, ou qualquer outro instrumento”, em especial durante a noite. No início da República havia uma rígida fiscalização sobre a população negra e pobre que habitava a periferia das cidades como Belém.

Verequete faz parte de uma geração de músicos que ousaram transformar os ritmos populares do interior do estado paraense em sucessos radiofônicos, com a inserção de elementos inovadores, músicos como por exemplo: Mestre Vieira, Pinduca e Mestre Cupijó. O talentoso músico paraense morou no Jurunas, bairro da periferia de Belém, com forte presença negra, o que certamente influenciou o ritmo do carimbó.

O Mestre dedicou sua trajetória à composição do carimbó no estilo tradicional, chamado de “Pau e Corda” ou “Carimbó de Raiz”. Junto com o cantor Pinduca, foi um dos responsáveis pela popularização do carimbó no estado do Pará e projeção nacional no período de 1970 e 1980. Compôs cerca de 200 músicas, além de lançar dez discos e quatro CDs. Entre os sucessos: “O carimbó não morreu”, “Chama Verequete”, “Morena penteia o cabelo” e “Xô peru”.

Em 2014, o ritmo carimbó foi reconhecido como Patrimônio Cultural Brasileiro, aprovado por unanimidade em setembro, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Para saber mais!

Para saber mais sobre a vida, as músicas e a importância cultural do artista Mestre Verequete para a cultura local e também sobre o carimbó e suas origens, veja os documentários “Chama Verequete” e “Documentário Verequete” em: <https://www.youtube.com/watch?v=3DyN3IKgzvg> e https://www.youtube.com/watch?v=xcEiibW_M8M. Acesso em: 06 nov. 2023

Proposta de Atividades!

01. Durante a Primeira República (1889-1930), os espaços urbanos de cidades como Belém passaram por grandes transformações. Além de afastar as classes populares do centro da cidade, também foram criados códigos de posturas municipais que buscavam controlar e disciplinar os

corpos negros. Explique por que a República tinha a preocupação de vigiar e afastar as classes populares dos centros urbanos.

02. O carimbó, o Lundu, os batuques, os sambas e a capoeira foram manifestações culturais reprimidas e proibidas durante muito tempo, pois eram vistos pela elite governante, que queria europeizar-se e modernizar-se, como manifestações primitivas e selvagens. Você considera essas manifestações uma forma de resistência? (Justifique sua resposta)

03. Assista os documentários sugeridos e elabore um parágrafo explicando a origem do Carimbó e qual a importância de mestre Verequete para o reconhecimento dessa manifestação cultural paraense.

04. Na sua cidade existem grupos culturais de Carimbó? Realize uma pesquisa e relacione os principais grupos. Se possível, converse com algum integrante e procure entender a origem desse grupo cultural.

2.15 Nilo Peçanha (1867 – 1924)³¹



Figura 22: Foto oficial de Nilo Peçanha.

Fonte: Reprodução. PRIORE, Mary Del. À procura deles: quem são os negros e mestiços que ultrapassaram a barreira do preconceito e marcaram a história do Brasil. Da Colônia à República. São Paulo: Benvirá, 2021, p. 318.

O Primeiro presidente negro do Brasil. Nilo Procópio Peçanha foi o sétimo Presidente do Brasil, no período de 14 de junho de 1909 a 15 de novembro de 1910, ocupou o cargo durante 17 meses. A vida política de Nilo começa em 1890, quando foi eleito deputado da Assembleia Nacional Constituinte, pelo Partido Republicano.

Exerceu legislaturas ordinárias posteriores, até 1903 (deputado estadual). Foi presidente do Estado do Rio de Janeiro em 1903 e Vice-Presidente da República entre 1906 e 1909. Com a morte de Afonso Pena, assumiu a presidência, exercendo-a de 1909 a 1910. Foi senador pelo Estado do Rio de Janeiro (1912-1914), chefe do executivo do Estado do Rio de Janeiro novamente (1914-1917), e Ministro das Relações Exteriores do Brasil (1917-1918).

³¹ A informações sobre a biografia e os feitos do político Nilo Peçanha foram coletadas em: “**150 anos de Nilo Peçanha**” publicadas em 2 de outubro de 2017 e disponível para consulta em: <https://www.jornalterceiravia.com.br/2017/10/02/150-anos-de-nilo-pecanha/> Acesso em: 05 nov. 2023; Também em: **Nilo Peçanha: o primeiro presidente negro do Brasil** publicado na Revista Societífica em 26/01/2022 e disponível para consulta em: <https://societifica.com.br/nilo-pecanha-o-primeiro-presidente-negro-do-brasil/> Acesso em: 05 nov. 2023.

Progressista e Positivista aguerrido, lutou pela revitalização econômica fluminense e sempre viu na educação a melhor forma de transformação de uma sociedade, tornando-a livre e próspera. Para ele, o Brasil do passado foi formado nas academias, mas o país do futuro sairia das oficinas. Desse modo, lutou pelo fim do analfabetismo, pela educação profissionalizante e pela industrialização, sem perder de vista a defesa da diversificação da agricultura nacional.

Curiosidade!

No cargo de chanceler no Ministério das Relações Exteriores em 1818, Nilo Peçanha nomeou a soteropolitana Maria José de Castro Rebello Mendes, a primeira mulher a exercer um cargo público na Velha República.

Nilo Peçanha, antes de ser o primeiro presidente negro do Brasil, teve uma infância humilde na periferia de sua cidade natal. Mesmo assim, completou seus estudos na capital do estado e se formou na Faculdade de Direito de Recife, em 1887. Quando retornou ao Rio de Janeiro, exerceu as funções de advogado e jornalista e militou pela Abolição da escravidão e pela República. Portanto, sua vida política começou ao ser eleito deputado da Assembleia Nacional Constituinte pelo Partido Republicano, em 1890.

Assim escreveu a historiadora Mary Del Priore sobre Nilo Peçanha:

Hábil com as palavras, sua arte política foi descrita por Gilberto Freyre como a de um jogador de futebol que se vale da malícia do drible para ganhar o jogo. Defensor apaixonado pela liberdade, a trajetória de sua vida privada e pública foi marcada pela luta contra o racismo e a inserção de trabalhadores pobres. Nilo foi também aclamado, teve partidários dedicados e fiéis e ganhou o respeito dos fluminenses. Porém como tantos outros homens públicos negros, pelo sucesso e poder que acumulou, Nilo acabou embranquecendo. Na escala de negros de sucesso, ninguém chegou tão alto quanto ele, que deixou para a História as marcas de uma trajetória e personalidade excepcionais (Priore, 2021, p. 232).

Nilo Peçanha faleceu em 21 de março de 1924, vítima de doença de Chagas. Nilo entrou para a História como um dos maiores políticos brasileiros do século passado e é considerado o maior estadista fluminense da república.

Proposta de Atividades!

01. Como o texto apresenta a carreira política de Nilo Peçanha?

02. Relacione as principais bandeiras de lutas do político Nilo Peçanha!

03. Leia o trecho em que Gilberto Freyre apresenta Nilo Peçanha. O que Freyre se referia ao afirmar “como tantos outros homens públicos negros, pelo sucesso e poder que acumulou, Nilo acabou *embranquecendo*”?

2.16 Pixinguinha (1897 – 1993)³²

Pixinguinha foi um talentoso e genial flautista, saxofonista, compositor, arranjador e maestro. Para pesquisadores e estudiosos da área, o músico carioca teve um papel fundamental



Figura 23: Pixinguinha

Fonte: [HYPERLINK "https://www.gov.br/funarte/pt-br/assuntos/noticias/todas-noticias/funarte-relanca-videos-do-projeto-pixinguinha-com-recursos-de-acessibilidade"](https://www.gov.br/funarte/pt-br/assuntos/noticias/todas-noticias/funarte-relanca-videos-do-projeto-pixinguinha-com-recursos-de-acessibilidade)

na formação da música popular brasileira e contribuiu diretamente para que o choro encontrasse uma forma musical definitiva. Pixinguinha, Alfredo da Rocha Vianna Filho, nasceu em 4 de maio de 1897, no Rio de Janeiro. Filho do músico Alfredo da Rocha Vianna, funcionário dos Correios, flautista e que possuía uma grande coleção de partituras de choros antigos, o garoto negro aprendeu música em casa, fazendo parte de uma família com vários irmãos músicos, entre eles o China (Otávio Vianna), com quem tocou em parceria por um tempo.

Logo que nasceu, em 23 de abril de 1897, recebeu da avó africana o apelido de “Pizindin”, que significa menino bom. Depois, por ter tido varíola – doença popularmente conhecida como bexiga –, passou a ser chamado de “Bexiguinha”. Da junção desses dois apelidos, surgiu o nome artístico que o consagraria para sempre”, informa o produtor Paulo César Soares em programa especial de rádio da série Estúdio F, da Funarte.

Segundo o musicólogo e professor especialista em música e cultura popular do Instituto de Artes da Unesp, Alberto Tsuyoshi Ikeda (2023), alguns grupos foram fundamentais

³² O texto sobre Pixinguinha foi coletado em “*Há cinquenta anos, o Brasil perdia Pixinguinha, mas ele segue alegrando seus fãs por meio das mais de mil obras que deixou*” publicado no Jornal da Universidade Estadual Paulista (UNESP) disponível para consulta em: <https://jornal.unesp.br/2023/03/03/ha-cinquenta-anos-o-brasil-perdia-pixinguinha-mas-ele-segue-alegrando-seus-fas-por-meio-das-mais-de-mil-obras-que-deixou/> (Acesso em: 10 nov. 2023)

na ascensão do músico. Primeiramente Pixinguinha integrou o famoso grupo Caxangá, em 1914, ao lado de músicos como Donga e João Pernambuco. A partir deste grupo, foi formado o conjunto Oito Batutas, muito ativo a partir de 1919.

O “Oito Batutas” se tornaria o primeiro grupo musical brasileiro a conquistar reconhecimento internacional. Entre as inúmeras viagens realizadas, em janeiro de 1922 eles foram convidados a tocar em Paris, por um período de um mês. Entretanto, a temporada parisiense foi estendida para seis meses devido ao grande sucesso que fizeram por lá.

Foi China quem conseguiu o primeiro emprego para o jovem, que começou a atuar profissionalmente aos 14 anos na noite carioca, mesma idade que compôs seu primeiro choro. Em particular, as notícias da época fazem referência ao sucesso que o jovem menino negro Pixinguinha fez como flautista nessa turnê. “O grupo foi o primeiro modelo de um conjunto instrumental sólido formado por excelentes músicos, na sua maioria negros, que obteve consagração nacional e internacional”, relata Ikeda (2023).

Já na década de 1930, foi contratado como arranjador pela gravadora RCA Victor, criando arranjos que ganharam notoriedade na voz de cantores como Francisco Alves, Mário Reis e Carmen Miranda. No fim da década foi substituído na função por Radamés Gnattali. Na década de 1940 passou a integrar o regional de Benedito Lacerda, passando a tocar o saxofone tenor.

Algumas de suas principais obras foram registradas em parceria com o líder do conjunto. Para Ikeda (2023), essa parceria foi um tanto estranha. Pixinguinha já tinha composições populares registradas apenas em seu nome e que posteriormente ganharam o nome do Benedito. Não sei se Pixinguinha foi benevolente com o parceiro ou se o mesmo pagava pelas parcerias nas composições.

Entre as polêmicas que marcaram sua trajetória estão as críticas que recebeu por algumas obras famosas de sua lavra, tais como os choros famosos *Carinhoso* e *Lamentos*, acusados de apresentarem uma inaceitável influência do jazz. Hoje em dia, a percepção é que talvez estas composições fossem avançadas demais para a época. A questão de o quanto Pixinguinha sofreu influência do Jazz, e quanto influenciou os jazzistas, até hoje levanta embates.

Pixinguinha passou os últimos anos de sua vida em Ramos, bairro que adorava. Morreu em 17 de fevereiro de 1973, na Igreja de Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, quando seria padrinho em uma cerimônia de batismo do filho de um amigo. Foi enterrado no Cemitério de Inhaúma. O episódio reforça o aspecto mítico que envolve o ícone musical “São Pixinguinha”.

Para saber mais!

Para saber mais sobre a vida desse talentoso músico acesse o vídeo sugerido sobre a biografia de Pixinguinha em: <https://www.youtube.com/watch?v=0GMqSatn4is&t=2508s> (Vídeo do Youtube) Biografia do Músico.

Proposta de Atividade!

01. Leia o texto com atenção e explique como a vida de Pixinguinha reflete as contradições do Brasil do início do século XX.

2.17 Tia Ciata (1854 – 1924)³³

Hilária Batista de Almeida, popularmente conhecida como Tia Ciata, nascida na Bahia em 13 de janeiro de 1854, é, senão, uma das mais importantes e influentes mulheres



negras e brasileiras, impactando diretamente na diversidade cultural de todo o Brasil. Viveu durante o período em que o Brasil passava por sua Primeira República (1889-1930), na Praça Onze, local esse chamado também de a Pequena África, no Rio de Janeiro, onde muitos negros africanos e seus descendentes costumavam se manifestar em grupos por meio da cultura trazida da África.

A Primeira República (1889-1930) foi marcada pela proibição de práticas como capoeira e rodas de samba, pois eram taxadas de atitudes não civilizadas. Tal proibição não era apenas o ataque a práticas de capoeira e semelhantes, mas um ataque a cultura negra e uma forma descarada de discriminação e preconceito, dadas as tentativas de extermínio de práticas culturais das manifestações de origens africanas.

Figura 24: Tia Ciata

Fonte: [HYPERLINK](https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=tia-ciata)

["https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=tia-ciata"](https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=tia-ciata)

³³ O texto sobre a Matriarca do Samba, Tia Ciata, foi organizado e elaborado pelo aluno Guilherme da Silva Gabriel, do terceiro ano. Parte de suas informações foram coletadas em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/personalidade/s-negras-2013-tia-ciata>. (Acesso em: 30 out. 2023)

Aqui entendemos a grande importância que Tia Ciata e muitos outros tiveram sobre a diversidade cultural existente hoje em nosso país. A casa de Hilária, na Praça Onze, era um dos locais onde muitos se reuniam para festejar e se manifestar, praticando capoeira e criando ritmos que hoje formam o samba, e faziam disso uma forma de resistência à proibição existente na época.

“Pelo Telefone” foi o resultado da resistência tida diante da proibição da República, sendo o primeiro samba a ser lançado oficialmente como uma canção no ano de 1916, sendo produzida na casa de Tia Ciata por Donga e seu parceiro Mario de Almeida. Mas não só esses cantores passaram por lá, João da Baiana, Heitor dos Prazeres e Pixinguinha, são alguns dos nomes que marcaram a casa de Tia Ciata também. O ritmo da música “Pelo Telefone” é algo diferente do que estamos acostumados nos sambas atuais, porém esse foi o ritmo que evoluiu para outros grandes sucessos que temos hoje como Cartola, Jorge Aragão, Alcione, entre outros.

Para saber mais!

Para ouvir a música “Pelo telefone”, você pode acessar o link: <https://www.youtube.com/watch?v=woLpDB4jjDU> . Vídeo postado por Geisa Fernandes: Cantora-compositora-pesquisadora. (Acesso em: 07 nov. 2023)

É de suma importância o estudo e a pesquisa de Hilária, um grande exemplo de resistência e força negra, mas não só isso, pois a ressignificações culturais em performances negras, que conhecemos atualmente, também são fruto da “Pequena África”. Conhecer Tia Ciata é conhecer a cultura brasileira, é conhecer nossas raízes. Hoje ainda é muito homenageada por organizações como *A Casa da Tia Ciata*, que mantém viva a memória da dama do samba, e é grandemente reconhecida no candomblé.

Proposta de Atividade!

01. Explique a importância de Tia Ciata para a manutenção das manifestações afro-brasileiras na Primeira República.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este *Almanaque Histórico de personalidades negras da Primeira República (1889-1930)* é um convite. É um convite para conhecermos as outras histórias dos brasileiros. Gostaria de finalizar com algumas palavras de um dos intelectuais negros mais brilhante desse país. Palavras essas que nos incentivam a conhecer e a refletir mais sobre o que é ser negro em um país tão racista como o nosso e que apagou as nossas histórias e nos silenciou por muito tempo.

“Para os africanos escravizados assim como para os seus descendentes ‘libertos’, tanto o Estado colonial português quanto o Brasil – colônia, império e república – têm uma única e idêntica significação: um estado de terror organizado contra eles. Um Estado por assim dizer natural em sua iniquidade fundamental, um Estado naturalmente ilegítimo. Porque tem sido a cristalização político-social dos interesses exclusivos de um segmento elitista, cuja aspiração é atingir o status ário-europeu em estética racial, em padrão de cultura e civilização. Este segmento tem sido o maior beneficiário da espoliação que em todos os sentidos tem vitimado o povo afro-brasileiro ao longo da nossa história. Conscientes da extensão e profundidade dos problemas que enfrenta, o negro sabe que sua oposição ao que aí está não se esgota na obtenção de pequenas reivindicações de caráter empregatício ou de direitos civis, no âmbito da dominante sociedade capitalista-burguesa e sua decorrente classe média organizada. O negro já compreendeu que terá de derrotar todas as componentes do sistema ou estrutura vigente, inclusive a sua intelligentsia responsável pela cobertura ideológica da opressão através da teorização ‘científica’ seja de sua inferioridade biossocial, da miscigenação sutilmente compulsória ou da criação do mito ‘democracia racial’. Essa ‘intelligentsia’, aliada a mentores europeus e norte-americanos, fabricou uma ‘ciência’ histórica ou humana que ajudou a desumanização dos africanos e seus descendentes para servir os interesses dos opressores eurocentristas. Uma ciência histórica que não serve à história do povo de que trata está negando-se a si mesma. Trata-se de uma presunção cientificista e não de uma ciência histórica verdadeira. Como poderiam as ciências humanas, históricas – etnologia, economia, história, antropologia, sociologia, psicologia, e outras – nascidas, cultivadas e definidas para povos e contextos socioeconômicos diferentes, prestar útil e eficaz colaboração ao conhecimento do negro, sua realidade existencial, seus problemas e aspirações e projetos? Seria a ciência

social elaborada na Europa ou nos Estados Unidos tão universal em sua aplicação? Os povos negros conhecem na própria carne a falaciosidade do universalismo e da isenção dessa 'ciência'. Aliás, a ideia de uma ciência histórica pura e universal está ultrapassada. O conhecimento científico que os negros necessitam é aquele que os ajude a formular teoricamente – de forma sistemática e consistente – sua experiência de quase 500 anos de opressão. Haverá erros ou equívocos inevitáveis em nossa busca de racionalidade do nosso sistema de valores, em nosso esforço de autodefinição de nós mesmos e de nosso caminho futuro. Não importa. Durante séculos temos carregado o peso dos crimes e dos erros do eurocentrismo 'científico', os seus dogmas impostos em nossa carne como marcas ígneas da verdade definitiva. Agora devolvemos ao obstinado segmento 'branco' da sociedade brasileira as suas mentiras, a sua ideologia de supremacismo europeu, a lavagem cerebral que pretendia tirar a nossa humanidade, a nossa identidade, a nossa dignidade, a nossa liberdade. Proclamando a falência da colonização mental eurocentrista, celebramos o advento da libertação quilombista. O negro trouxe até à última gota os venenos da submissão imposta pelo escravismo, perpetuada pela estrutura do racismo psicossócio-cultural que mantém atuando até os dias de hoje. Os negros têm como projeto coletivo a ereção de uma sociedade fundada na justiça, na igualdade e no respeito a todos os seres humanos, na liberdade; uma sociedade cuja natureza intrínseca torne impossível a exploração econômica e o racismo. Uma democracia autêntica, fundada pelos destituídos e os deserdados deste país, aos quais não interessa a simples restauração de tipos e formas caducas de instituições políticas, sociais e econômicas as quais serviriam unicamente para procrastinar o advento de nossa emancipação total e definitiva que somente pode vir com a transformação radical das estruturas vigentes. Cabe mais uma vez insistir: não nos interessa a proposta de uma adaptação aos moldes de sociedade capitalista e de classes. Esta não é a solução que devemos aceitar como se fora mandamento inelutável. Confiamos na idoneidade mental do negro, e acreditamos na reinvenção de nós mesmos e de nossa história. Reinvenção de um caminho afro-brasileiro de vida fundado em sua experiência histórica, na utilização do conhecimento crítico e inventivo de suas instituições golpeadas pelo colonialismo e o racismo. Enfim, reconstruir no presente uma sociedade dirigida ao futuro, mas levando em conta o que ainda for útil e positivo no acervo do passado. Um futuro melhor para o negro tanto exige uma realidade em termos de pão, moradia, saúde, trabalho, como requer um clima moral e espiritual de respeito às componentes

mais sensíveis da personalidade negra expressas em sua religião, cultura, história, costumes e outras formas. A segurança de um futuro melhor para a população negra não se inclui nos dispositivos da chamada "lei de segurança nacional". Esta é a segurança das elites dominantes, dos seus lucros e compromissos com o capital interno ou estrangeiro, privado ou estatal. A segurança da 'ordem' econômica, social e política em vigor é aquela associada e inseparável das teorias 'científicas' e dos parâmetros culturais e ideológicos engendrados pelos opressores e exploradores tradicionais da população afro-brasileira. Tampouco nos interessa o uso ou a adoção de slogans ou palavras de ordem de um esquerdismo ou democratismo vindos de fora. A revolução negra produz seus historiadores, sociólogos, antropólogos, pensadores, filósofos e cientistas políticos. Tal imperativo se aplica também ao movimento afro-brasileiro. Um instrumento conceitual operativo se coloca, pois, na pauta das necessidades imediatas da gente negra brasileira. O qual não deve e não pode ser fruto de uma maquinação cerebral arbitrária, falsa e abstrata. Nem tampouco um elenco de princípios importados, elaborados a partir de contextos e de realidades diferentes. A cristalização dos nossos conceitos, definições ou princípios deve exprimir a vivência de cultura e de práxis da coletividade negra. Incorporar nossa integridade de ser total, em nosso tempo histórico, enriquecendo e aumentando nossa capacidade de luta. Precisamos e devemos codificar nossa experiência por nós mesmos, sistematizá-la, interpretá-la e tirar desse ato todas as lições teóricas e práticas conforme a perspectiva exclusiva dos interesses da população negra e de sua respectiva visão de futuro. Esta se apresenta como a tarefa da atual geração afro-brasileira: edificar a ciência histórico-humanista do quilombismo. Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial. Repetimos que a sociedade quilombola representa uma etapa no progresso humano e sócio-político em termos de igualitarismo econômico. Os precedentes históricos conhecidos confirmam esta colocação. Como sistema econômico, o quilombismo tem sido a adequação ao meio brasileiro do comunitarismo e/ou ujamaísmo da tradição africana. Em tal sistema as relações de produção diferem basicamente daquelas prevalentes na economia espoliativa do trabalho, chamada capitalismo, fundada na razão do lucro a qualquer custo. Compasso e ritmo do quilombismo se conjugam aos mecanismos operativos, articulando os diversos níveis da vida coletiva cuja dialética interação propõe e assegura a realização completa do ser humano. Nem propriedade privada da terra, dos

meios de produção e de outros elementos da natureza. Todos os fatores e elementos básicos são de propriedade e uso coletivo. Uma sociedade criativa no seio da qual o trabalho não se define como uma forma de castigo, opressão ou exploração; o trabalho é antes uma forma de libertação humana que o cidadão desfruta como um direito e uma obrigação social. Libertado da exploração e do jugo embrutecedor da produção tecno-capitalista, a desgraça do trabalhador deixará de ser o sustentáculo de uma sociedade burguesa parasitária que se regozija no ócio de seus jogos e futilidades. Os quilombolas dos séculos XV, XVI, XVII, XVIII e XIX nos legaram um patrimônio de prática quilombista. Cumpra aos negros atuais manter e ampliar a cultura afro-brasileira de resistência ao genocídio e de afirmação da sua verdade. Um método de análise, compreensão e definição de uma experiência concreta, o quilombismo expressa a ciência do sangue escravo, do suor que este derramou enquanto pés e mãos edificadores da economia deste país. Um futuro de melhor qualidade para a população afro-brasileira só poderá ocorrer pelo esforço enérgico de organização e mobilização coletiva, tanto da população negra como das inteligências e capacidades escolarizadas, para a enorme batalha na frente da criação teórico-científica. Uma teoria científica inextricavelmente fundida à nossa prática histórica que efetivamente contribua à salvação da comunidade negra, a qual vem sendo inexoravelmente exterminada. Seja pela matança direta da fome, seja pela miscigenação compulsória, pela assimilação do negro aos padrões e ideais ilusórios do lucro ocidental. Não permitamos que a derrocada desse mundo racista, individualista e inimigo da felicidade humana afete a existência futura daqueles que efetiva e plenamente nunca a ele pertenceram: nós, negro-africanos e afro-brasileiros. Condenada a sobreviver rodeada ou permeada de hostilidade, a sociedade afro-brasileira tem persistido nesses quase 500 anos sob o signo de permanente tensão. Tensão esta que consubstancia a essência e o processo do Quilombismo. Assegurar a condição humana do povo afro-brasileiro, há tantos séculos tratado e definido de forma humilhante e opressiva, é o fundamento ético do quilombismo. Deve-se assim compreender a subordinação do quilombismo ao conceito que define o ser humano como o seu objeto e sujeito científico, dentro de uma concepção de mundo e de existência na qual a ciência constitui uma entre outras vias do conhecimento.”

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. 2. ed. Brasília / Rio de Janeiro: Fundação Palmares / OR Editor Produtor, 2002, p. 269-274.

Apesar de ser escrito nos finais dos anos de 1970 e publicadas em 1980, as reflexões de Abdias Nascimento continuam sempre atuais e merecem nossa total atenção. Nossos alunos precisam urgente ter contato com os escritos de intelectuais negros para pensar o “ser negro” a partir do que nós escrevemos sobre nós mesmos e não mais do que escrevem/escreveram sobre a gente.

Ler os escritos de Abdias Nascimento em um momento que saímos do negacionismo, que negava inclusive a existência do racismo e até da escravidão, demonizava os professores, é sempre renovar-se para a batalha e entender que a luta por um país menos racista e excludente se faz na luta cotidiana. Assim, a sala de aula torna-se um espaço fundamental para essas reflexões necessárias.

Por fim, o que motivou a elaboração deste Almanaque histórico de personalidades negras da Primeira República foi a ideia de possibilitar aos alunos do Ensino Médio refletir sobre outros sujeitos históricos nas aulas de História, porque entendemos a escola como um espaço de conscientização e de mobilização por direitos fundamentais, como o direito à História, por exemplo.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BARBOSA, Paulo Correa; SCHUMAHAR, Schuma. **João Cândido: a luta pelos direitos humanos**. Brasília: Abravideo, 2008. (Almanaque histórico)

BOULOS, Alfredo Junior. História: **Sociedade e Cidadania**. 3º ano. 2. ed. São Paulo: FTD, 2016. (Coleção história sociedade & cidadania)

DEL PRIORE, Mary. **À procura deles: quem são os negros e mestiços que ultrapassaram a barreira do preconceito e marcaram a história do Brasil. Da Colônia à República**. São Paulo: Benvirá, 2021.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias da gente brasileira**, Volume 3: República – Memórias (1889-1950). Rio de Janeiro: Leya, 2017.

GOMES, Flavio dos Santos; DOMINGUES, Petrônio (Orgs.). **Experiências da emancipação: biografias, instituições e movimentos sociais no pós-abolição (1889-1980)**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

GOMES, Flavio dos Santos; DOMINGUES, Petrônio. **Da nitidez e invisibilidade: legados do pós-emancipação no Brasil**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013. (Coleção História)

GOMES, Flávio dos Santos; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Orgs.). **Enciclopédia Negra: Biografias afro-brasileiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

GOMES, Flavio. **Negros e Política (1888 – 1937)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

JALES, Luanna. Visibilidade histórica para mulheres, negros e indígenas. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Novos combates pela História: desafios, ensino**. São Paulo: Contexto, 2021.

LIMA, Mônica. Prefácio. In: PEREIRA, Amílcar Araujo; MONTEIRO, Ana Maria (Orgs.). **Ensino de História e culturas afro-brasileiras e indígenas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

MOCELLIN, Renato. **Canudos: fanatismo ou luta pela terra?** São Paulo: Editora do Brasil S/A, 1989.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino Gomes. **O negro no Brasil de Hoje**. 2. ed. São Paulo: Global, 2016.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 3. ed. São Paulo: IPEAFRO/Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. 2. ed. Brasília / Rio de Janeiro: Fundação Palmares / OR Editor Produtor, 2002.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. **Cidadania, cor e disciplina na revolta dos marinheiros de 1910**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2008.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira. Qual a condição social dos negros no Brasil no fim da escravidão? O pós-abolição no ensino de História. In: SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade (Org.). **A República e a questão do negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Escritos de Liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista**. Campinas: Unicamp, 2018.

RASCKE, Karla Leandro. **Entre a caneta e o pandeiro: letras e enredos de agremiações afrodescendentes em Florianópolis – SC (1920 a 1950)**. São Paulo: PUC-SP, 2018. Tese (Doutorado em História social)

REGINA, Tânia. **Madame Satã, uma travesti artista militante: Carnaval, Gênero e Sexualidade, LGBTQIA+, Masculinidades negras**. Revista Primeiros Negros, disponível para leitura em: <https://primeirosnegros.com/madame-sata-uma-travesti-artista-militante/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

ROSA, Nereide Schilaro Santa. **Pixinguinha, menino bom que se tornou imortal**. São Paulo: Scipione, 2003. (Coleção palavra da gente; v. 6. Biografia)

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **História da África e do Brasil Afrodescendente**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Juliano Moreira: o médico negro na fundação da psiquiatria brasileira**. Niterói: Eduff, 2020.

XAVIER, Giovana. “Já raiou a liberdade”: caminhos para o trabalho com a história do pós-abolição na educação básica. In: PEREIRA, Amílcar Araujo; MONTEIRO, Ana Maria (Orgs.). **Ensino de História e culturas afro-brasileiras e indígenas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

Sítios consultados:

<http://portal.metodista.br/mutirao-do-brasileirismo/cartografia/verbetes/america-do-sul/lima-barreto>. Acesso em: 10 nov. 2023.

<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>. Acesso em: 05 nov. 2023.

<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/450-lima-barreto>. Acesso em: 05 nov. 2023

<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/462-abdias-nascimento>. Acesso em: 05 nov. 2023.

<http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/historia-e-memoria/2014/07/17/grande-otelo>. Acesso em 06 nov. 2023.

<http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/historia-e-memoria/2014/07/17/jo%C3%A3o-c%C3%A2ndido>. Acesso em: 16 nov. 2023.

<http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/historia-e-memoria/2014/07/17/juliano-moreira>. Acesso em: 19 out. 2023.

<https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/29857/Personagens-do-p%C3%B3s-aboli%C3%A7%C3%A3o-v6-Jo%C3%A3o-C%C3%A2ndido.pdf?sequence=1>. Acesso em: 16 nov. 2023.

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/machado-de-assis-conheca-o-grande-erro-de-seculos-com-a-imagem-do-bruxo-do-cosme-velho.phtml> Acesso em: 05 nov. 2023.

<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=tia-ciata>. Acesso em: 05 nov. 2023.

<https://dol.com.br/noticias/para/687339/os-negros-paraenses-que-lutaram-contr-a-escravidao?d=1>. Acesso em: 05 nov. 2023.

<https://dol.com.br/noticias/para/687339/os-negros-paraenses-que-lutaram-contr-a-escravidao?d=1> Acesso em: 05 out. 2023.

<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/08/centenario-de-mestre-verequete-e-celebrado-com-carimbo-e-exposicao.html>. Acesso em: 05 nov. 2023.

<https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/com-lazaro-ramos-no-elenco-filme-que-retrata-a-vida-de-madame-sata-e-exibido-em-presidente-prudente.ghtml>. Acesso em: 05 nov. 2023.

<https://ipeafro.org.br/personalidades/ruth-de-souza/>. Acesso em: 06 nov. 2023.

<https://jk.cpdoc.fgv.br/fatos-eventos/alianca-nacional-libertadora-anl>. Acesso em: 06 nov. 2023.

<https://jornal.unesp.br/2023/03/03/ha-cinquenta-anos-o-brasil-perdia-pixinguinha-mas-ele-segue-alegrando-seus-fas-por-meio-das-mais-de-mil-obras-que-deixou/> Acesso em: 10 nov. 2023.

<https://mondru.com/book-author/maria-firmina-dos-reis/>. Acesso em: 05 nov. 2023

<https://papoeria.com/pt/os-primeiros-anos-do-mestre-bimba/>. Acesso em: 05 nov. 2023.

<https://primeirosnegros.com/madame-sata-uma-travesti-artista-militante/>. Acesso em: 05 nov. 2023.

<https://primeirosnegros.com/madame-sata-uma-travesti-artista-militante/>. (Acesso em: 10 nov. 2023).

<https://revistacult.uol.com.br/home/centenario-maria-firmina-dos-reis/> Acesso em: 11 nov. 2023.

<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2020/09/abdias-do-nascimento-conheca-um-dos-maiores-ativistas-negros-do-brasil.html>. Acesso em: 05 nov. 2023.

<https://revistaraca.com.br/o-precursor-da-capoeira/>. Acesso em: 06 nov. 2023.

<https://socientifica.com.br/nilo-pecanha-o-primeiro-presidente-negro-do-brasil/> Acesso em: 05 nov. 2023.

<https://sp.cut.org.br/noticias/revolta-da-chibata-completa-103-anos-c62e>. Acesso em: 05 nov. 2023.

<https://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia>. Acesso em: 05 nov. 2023

<https://www.capoeirahistory.com/wp-content/uploads/2019/09/Alvim-Cordel-Madame-Sata%CC%83-Completo2019.pdf>. Acesso em 10 nov. 2023.

<https://www.cultura.sc.gov.br/espacos/mhsc/cruz-e-souza>. Acesso em: 17 out. 2023.

<https://www.cultura.sc.gov.br/noticias/23727-24-de-novembro-aniversario-de-cruz-e-souza-tera-atividades-dedicadas-ao-poeta>. Acesso em: 01 nov. 2023.

<https://www.geledes.org.br/>. Acesso em: 05 nov. 2023.

<https://www.geledes.org.br/o-genocidio-do-negro-brasileiro-uma-releitura-para-espacos-tempos-de-pandemia/> Acesso em: 05 ago. 2023.

<https://www.gov.br/funarte/pt-br/assuntos/noticias/todas-noticias/funarte-relanca-videos-do-projeto-pixinguinha-com-recursos-de-acessibilidade>. Acesso em: 05 nov. 2023.

<https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/personalidades-negras-2013-antonieta-de-barros>. Acesso em: 11 nov. 2023.

<https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/personalidades-negras-2013-grande-otelo>. Acesso em: 05 nov. 2023.

<https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/personalidade\s-negras-2013-tia-ciata>. Acesso em: 30 out. 2023.

<https://www.jornalterceiravia.com.br/2017/10/02/150-anos-de-nilo-pecanha/> Acesso em: 05 nov. 2023.

<https://www.youtube.com/watch?v=0GMqSatn4is&t=2508s>. Acesso em: 05 nov. 2023.

<https://www.youtube.com/watch?v=3DyN3lKgZvg>. Acesso em: 05 nov. 2023.

<https://www.youtube.com/watch?v=woLpDB4jjDU>. Acesso em: 07 nov. 2023.

https://www.youtube.com/watch?v=xcEiibW_M8M. Acesso em: 06 nov. 2023

<https://www1.udesc.br/?id=2678> Acesso em: Acesso em: 05 nov. 2023.

<https://www1.udesc.br/?id=2678>. Acesso em: 05 nov. 2023.